

SINOPSE

HERNANI

o Viebo Hugo

90 PS

peça em cinco atos, narra a história de amor entre Sol e Hernani. Ricardo, amigo de Hernani, no quinto ato, define bem a trama:

"Três galãs, um candidato, um duque e um rei, ocupavam ao mesmo tempo o coração de uma mulher: oseram' o assalto e o bandido ganhou."

No primeiro ato, "o rei", os três amantes se encontram no aposento de amada: D. Carlos, rei da Espanha, fazendo-se passar por Hernani, consegue se infiltrar na casa, e logo depois, para justificar sua presença, se apresenta como rei e diz ter vindo anunciar a morte de Maximiliano, imperador da Alemanha; Hernani, o bandido, como amante de Sol, encontra-se com ela às escondidas todas as noites; D. Ruy Gomez, um velho duque, tio e futuro esposo de Sol, chega por último e fica indignado ao encontrá-los ali àquelas horas de noite:

"Vejo que não posso abandonar' minha case nem uma hora sequer, sem que um ladrão de honra se delize nela."
E nessa mesma hora tomemos consciência de seu amor por Sol:

"esta' jovem a quem eu amo é minha sobrinha, e logo será minha esposa."

Hernani e Sol tramam uma fuga pro dia seguinte, e D. Carlos os ouve.

No final do primeiro ato, estando só, Hernani, após descobrir ser Carlos um antigo inimigo de sua família, jura vingança:

"Vou atrás de você de dia e de noite, seguindo as marcas de seus passos e com o punhal na mão. Será a sua roça apresentando a minha... e agora descubro que é meu rival!..."

No segundo ato, "o bandido", D. Carlos impede a fuga dos amantes. Hernani, protegido pelos seus amigos, permi-

~~_____~~
~~_____~~

te que rei fuja. Depois de convencido por Sol que dever fazer tudo, o bandido deixa-se deliciar pela presença da amada. Temos aqui uma cena semelhante a de Romeu e Julieta, de Shakespeare: o ualco a cotovia canta, anunciando o amanhecer, os amantes relutam em aceitar a realidade, pois o dia seguinte é o dia da separação. Em Hernani, ao soar o toque de alarme, soldados saem a procura do bandido que também continua a sonhar:

"Anunciam nossas bodas."

Com a chegada do dia e depois da dama, com o toque de alarme e a entrada do montanhês, Romeu e Julieta, Hernani e Sol, respectivamente, vêem confirmada a separação.

No terceiro ato, "o enciã", tudo está preparado para o casamento de D. Ruy e Sol. Eis que um peregrino chega ao castelo: Hernani. Bom, nessa altura dos acontecimentos, D. Carlos vem em sua perseguição e, vendo que o velho duque reluta em proteger o bandido, com muito prazer leva Sol como refém.

Por ter sido salvo pelo duque, Hernani lhe faz um juramento:

"Succeda o que suceder, quando ouveira, senhor duque, em qualquer lugar, a qualouer hora que lhe ocorra que eu devo morrer, toque a trombeta e eu mesmo me matarei."

No quarto ato, "o sepulcro", somos transportados para os subterrâneos de Aquisgrán, onde está o sepulcro de Carlo Magno. Uma Liga ali se reúne para conspirar contra D. Carlos, um dos pretendentes ao cargo de Imperador da Alemanha.

Nesse espaço de tempo D. Carlos mantém um "diálogo profundo" com Carlo Magno, chegando até a invocar sua presença:

"Ainda que sua voz fatídica me faça tremer, fale."

Finalmente D. Carlos é eleito Imperador, a Liga é decomposta por ele mesmo que, assumindo o cargo majestoso, age sem punições, e benevolente entrega a mão de Sol à Hernani. Sendo assim, todo o ódio que existia até então se apaga:

"Você

e verdadeiramente César"; "Glória ao Imperador"; "Viva a Alemanha! Honra a Carlos V!"

No quinto ato, "o casamento" - em Zaragoza - presenciamos as bodas de Hernani e Sol.

A história teria completado seu ciclo se não ouvíssemos ao longe o toque de uma trombeta: D. Ruy vem exigir de Hernani o cumprimento da antiga promessa:

"toque a trombeta e eu mesmo me matarei."

Sol reluta com todas suas forças pra que esse fatalidade não ocorra, mas D. Ruy é imponderável:

"tenho pressa"

As forças se esgotam. A morte é inevitável.

Sol ainda consegue arrancar o frasco das mãos de Hernani e toma o veneno fatídico. Hernani bebe em seguida o "filtro funesto". Assim os amantes "abrem juntos suas asas e com vôo igual, voam para um mundo melhor."

A D. Ruy, condenado por sua própria consciência, resta apenas um punhal cravado no peito.

Gisleine Silvana Gasparotto

PERSONAGENS

- Hernani
- D. Carlos
- D. Ruy Gomez de Silva
- Dona Sol de Silva
- C. rei de Bohemia
- C. duque de Gavisiera
- C. duque de Gotha
- C. marão de Hanemburgo
- C. duque de Lutzelburgo
- Yáquez
- D. Sancho
- D. Matías
- D. Ricardo
- D. Garcia Soarez
- D. Francisco
- D. Juan de Haro
- D. Pedro Gusmão de Lara
- D. Gil Teles Girão
- Dona Josefa Duarte
- Um montanhez - uma dama
- Três cojurados - Conjurados da Liga Sacro-Santa
- Alemães e espanhóis - Montanneses
- Senhores - Soldados - Povo - Pejens-

PRIMEIRA ATTO

"O REI"

Quarto de dormir. É noite. Há uma lâmpada sobre uma mesa.

SENA I

Dona Josefa Duarte, velha, vestida de negro, com adorno de lenhite, parecendo com o de Isabel, a Católica. D. Carlos. (Chama, dando um golpe em uma porta secreta-a direita. A dona, que está cosendo uma cortina vermelha. Dão um segundo golpe.)

DONA JOSEFA: Será que já é ele? (outro golpe) Chamar na escada secreta; vou abrir.

Abre e entra D. Carlos amarrado até os olhos e com o queixo entalhado.

-Boa noite cavalheiro.

D. Carlos tira o emboço e logo se vê que ele usa um rico traje de veludo da castelhana de 1519. A velha retrocede com espanto.

-Ah! Você não é Hernani! Meu Deus! Socorro!

D. Carlos: (pegando-a pelo braço) Se pronunciar uma palavra a mais morre. Diga-me, estou no aposento de dona Sol, prometida ao duque de Pastrana, seu tio, senhor tão venerado como zeloso? A formosa jovem ama um cavalheiro sem barba, quem recebe todas as noites, admitindo depois dele também ao velho? Estou bem informado? Responda.

JOSEFA: Você acabou de me proibir de falar, sob pena de morte.

D. CARLOS: Só quero que me responda sim ou não ao que perguntei. A ^{SUB} senhora é dona Sol de Silva?

JOSEFA: Sim.

D. CARLOS: O duque, seu futuro esposo, está agora fora de sua casa?

JOSEFA: Sim.

D. CARLOS: A senhora estava a jogar pólo?

JOSEFA: Sim.

D. CARLOS: (Ira verdadeira). Ele vem aqui mesmo?

JOSEFA: Sim.

D. CARLOS: Pois esconda-me em seguida.

JOSEFA: A você?

D. CARLOS: A mim?

JOSEFA: Para quê?

D. CARLOS: Porque desejo me esconder.

JOSEFA: Aqui! Jamais.

D. CARLOS: (saca uma bolsa e um punhal e diz) Escolhe.

JOSEFA: (escolhendo a bolsa) É um diabo!

D. CARLOS: Não se engane.

JOSEFA: (abrindo um armário estreito simulado na parede) Entre aqui.

D. CARLOS: Nessa caixa?

JOSEFA: Não tenho lugar melhor.

D. CARLOS: (examinando o esconderijo) Será aqui a cova da vassoura em que se
bruxa cavalga? (entrando com dificuldade) Uf!

JOSEFA: (juntando as mãos escandalizada) Um homem neste caso!

D. CARLOS: O galã que sua ama espera é por acaso mulher?

JOSEFA: Oh Deus! Ouço seus passos. Senhor, feche rápido esse armário.

D. CARLOS: - Se me descobrirem, conte com os defuntos. (fecha o armário).

JOSEFA: Quem será esse homem? Eu vou chamar... porém, a quem? Todos dormem na casa, exceto nós dois. O outro vai chegar e a ele interessa isto, e tem na espada. (pesando sua bolsa) Depois de tudo não deve ser ladrão. (Esconde a bolsa ao ver que Dona Sol se aproxima)

CENA II

Josefa, D. Carlos escondido, Dona Sol e depois Hernani.

SOL: Josefa!

JOSEFA: Senhora!

SOL: Ah! Temo que tenha acontecido uma desgraça.

JOSEFA: Por que?

SOL: Porque Hernani já devia estar aqui. (Ouvindo passos pela porta secreta)

JOSEFA: Já vem.

SOL: Abra antes que ela bata.

A aia abre a porta e Hernani entra; vem com capa e chapéu. Embaixo da capa veste uma roupa dos montanheses de Aragão, de pano pardo, com couraça de couro. Leve no cinto um punhal, uma espada e um chifre de caça.

SOL: Ah! ...porém você demorou muito! Seja franco e diga-me se sente frio.

HERNANI: Frio do seu lado! Quando o amor zeloso ferve na cabeça e agita suas tempestades no coração, que nos importe que as nuvens do céu nos mande água ou relâmpagos?

SOL: Dê-me, dê-me a capa e a espada. (Tira-lhe a capa.)

HERNANI: (Levando a mão à guarnição da espada.) Não, esta não; é outra amiga inocente e fiel. Seu tio e futuro esposo está ausente de casa?

SOL: Sim; podemos dispor de uma hora.

HERNANI: Uma hora e nada mais! E quando esta hora passar meu anjo, é preciso esquecer ou morrer! Passar com você só uma hora, eu que queria passar com você a vida e depois a eternidade!

SOL: Hernani!

HERNANI: (com amargura) Sou feliz quando o duque não está em casa; como o ladrão que treme quando força uma porta, assim entro para te ver e roubo do anjo uma hora de sua felicidade. Acredito ser feliz, e ele sentiria por eu lhe roubar uma hora, quando ele rouba de mim a vida!

SOL: Acalme-se. (Entregando a capa a ela) Josefa, coloque para secar. (Fazendo alguns sinais a Hernani, enquanto a aia sai) Chega perto de mim.

HERNANI: Porém, o duque está ausente?

SOL: Sim, meu bem. Não pense mais nela.

HERNANI: Como não pensar se ele vai ser seu futuro esposo! Baixou você outro a e quer que o afaste de minha memória!

SOL: Um beijo paternal não deve te deixar intranquilo.

HERNANI: Ele te beijou como amante, como marido, como zeloso, como homem e quem você deve pertencer. É um velho insensato que, ao pé do sepulcro e ao terminar sua jornada vital, necessita de uma mulher, e sendo um espectro fraco quer se unir a uma jovem, não vendo que, enquanto com uma mão segura a sua, a morte se apoderará da sua outra mão. Imprudentemente colocou-se entre nós dois. Quem te obriga a semelhante matrimônio?

SOL: O rei determine que seja assim.

HERNANI: O rei! Meu pai morreu no cadafalso, condenado por ele, e ainda que meu ódio em relação a ele tenha envelhecido, depois daquela imolação, para o filho daquele rei meu ódio é sempre jovem; e desde a minha tenra idade jurei vingar no filho a morte do meu pai. Por todas partes busco ao rei de ambas Castilhas, porque é eterno o ódio que minha família e a sua juraram. Nossos pais combateram durante trinta anos sem compaixão e sem remorso contra essa raça real, e ainda que meus pais estejam mortos, seu ódio vive em mim. E o rei é quem cria esse casamento horroroso. Tente melhor. Buscava-lhe e eis que ele aparece no meu caminho.

SOL: Causa-me terror!

HERNANI: Vou carregado com o peso de uma maldição que até a mim espanta. Escute Dona Sol: o homem a quem o rei te destina, Ruy de Silva, seu tio, é duque de Pastrana, homem rico de Aragão, conde e grande da Espanha. A falta de juventude ^{dele} pode te proporcionar tanto ouro e tantas jóias que poderá reluzir sua cabeça entre as cabeças reais, e poderá até excitar a inveja das rainhas. Em vez disso, eu sou pobre e desde minha infância não possuo mais que bosques e montanhas; quem sabe pudesse ostentar algum ilustre bresão que hoje deslustra uma mancha de sangue; acaso possuo direitos que jazem na escuridão, cobertos com o pano negro do cadafalso, e se minha esperança não é enganosa, talvez um dia eu possa fazer minha espada brilhar; porém até agora só recobi do céu o dom comum de todos os mortais: o ar, a luz e a água. Mas chegou a hora em que

você deve se livrar do duque ou de mim; escolhe entre os dois: ou ser
pobre ou me seguir.

SOL: Eu te seguirei.

HERNANI: Se você me segue, terá que viver entre meus rudes companheiros, que
estão desterrados como eu e a quem o carrasco já conhece; homens de coragem e
de ferro que nunca se inutilizam, que têm ofensas para vingar, e terá que ser
a rainha de meu bando, porque eu sozinho sou apenas um bandido. Quando me per-
seguiam em ambas Castilhas, sozinho e fugindo por bosques e montanhas, tive
que buscar asilo seguro, e Catalunha me acolheu como mãe. Cresci entre seus
montanhesees, pobres, porém orgulhosos e livres; e readquiri tal crédito entre
eles que amanhã, se faço ressoar esta trombeta, acudirão a me ajudar em som-
de guerra três mil bravos montanhesees. Você estremeça! Dou um tempo para que
pense no que deve fazer. Pense que se me segue será condição errar comigo por
bosques, montes e areias movediças, e entre homens parecidos com os demônios
de seus pavorosos sonhos; desconfiar de tudo, dos olhares, das palavras, dos
passos, dos ruídos; ouvir assobiar as balas dos mosquetes, ameaçando vidas e
anunciando mortes; viver desterrada e errante como eu, e, casualmente, me se-
guir para onde seguirei meu pai: para a forca.

SOL: Eu te seguirei.

HERNANI: O duque é rico, honrado e grande da Espanha; conserva limpo o escudo
de sua família; tem grande influência na corte, e ao entregar sua mão a você,
entrega com ela tesouros, títulos, felicidade.

SOL: Partiremos amanhã. Não deve te chocar minha estranha audácia. Não sei se
você é meu demônio ou meu anjo; só sei que sou sua escrava. Vê onde quer ir e
irei com você; que fique ou que parta, serei sua. Por que estou assim? Eu mes-
ma ignoro. Tenho necessidade de te ver, de te ver a todas horas e sempre.
Quando o ruído de seus passos se afasta de mim, creio que meu coração deixa
de bater; você me falta, e creio que eu estou ausente de mim mesma. Porém
quando volto a ouvir o ruído de seus passos, lembro que existo, e sinto que

HERNANI: Porém você não sabe quem eu sou!

SOL: Não me importa. De todos os modos te seguirei.

HERNANI: Já que quer me seguir, é preciso que saiba o nome, o título, a alma e o destino que o pastor Hernani oculta. Amava a um bandido; amará também a um desterrado?

D. CARLOS: (Abrindo bruscamente a porta do armário.) Acabaram de narrar suas histórias? Crêem que se está acomodado neste esconderijo?

Hernani retrocede assombrado. Dona Sol lança um grito e se refugia nos braços dele, olhando espantada para D. Carlos.

HERNANI: (Colocando a mão na espada) Quem é esse homem?

SOL: Céus! Socorro!

HERNANI: Silêncio, Dona Sol. Quando eu estiver do seu lado, aconteça o que acontecer, não terá que implorar mais proteção além da minha. (A D. Carlos) Que fazia ali?

D. CARLOS: O que fazia? Parece que não cavalgava por nenhum bosque.

HERNANI: Aquela que zomba depois da injúria, se expõe também a fazer rir seu rdeiro.

CARLOS: A cada um chega sua hora. Meu senhor, falemos claro. Você ama a Dona Sol e vem todas as noites mirar-se no espelho de seus olhos. A mim parece, porém eu também amo Dona Sol e desejo conhecer aquele que muitas vezes entra pela janela, enquanto eu permanecia na porta.

HERNANI: Juro pois que hei de fazê-lo sair por onde eu entro.

D. CARLOS: Isso veremos. Ofereço meu carinho ^e esta dama e podemos partir se quiser. Compreendo que sua alma abriga tal tesouro de ternura e de bondade que seguramente será suficiente para saciar aos dois. Querendo averiguar finalmente esta noite o que tanto me empenhava, me surpreendi e me escondi aqui para escutá-los. Porém ouvia muito mal e me afogava muito bem, e além disso, minha roupa ficava toda amarrotada.... por isso saio.

HERNANI: Minha adaga tão pouca está bem no invólucro e se enfurece por sair livre ao ar.

D. CARLOS: Como queira, cavalheiro.

HERNANI: (Sacando a espada) Em guarda, pois.

D. CARLOS: (Sacando também a sua.) Pois em guarda.

SOL: (Interpondo-se entre eles) Meu Deus! Hernani!

D. CARLOS: Fique tranquila, senhora

HERNANI: (A D. Carlos) A mim decide seu nome.

D. CARLOS: Decida antes o seu.

HERNANI: É um segredo fatal que não digo para poder revelá-lo um dia a um homem, no dia em que meus pés vencedores pisem nele e minha espada penetre em seu coração.

D. CARLOS: Como se chama esse outro homem?

HERNANI: Não importa. Defenda-se.

Cruzam as espadas. Dona Sol cai desfalecida em uma poltrona. Ao mesmo tempo batem na porte e a dama se levanta sobressaltada.

SOL: Cêus! Batem na porta!

Fêra o combate. Sai D. Josefa pela porta secreta

HERNANI: Quem é que chama?

JOSEFA: Que conflito! Meu Deus! Éc duque!

SOL: O duque! Estou perdida!

JOSEFA: O desconhecido! Os dois com as espadas desnudadas! Estavam brigando!

Os dois adversários embainham o ferro. D. Carlos coloca o chapéu e esconde rosto. Continuam chamando.

HERNANI: O que fazemos?

UMA VOZ DE FORA: Dona Sol, abre!

A aia vai abrir a porta e Hernani a detém.

HERNANI: Não abra.

JOSEFA: (Tirando o terço) Santiago Apóstolo, livre-nos deste apuro!

Continuam chamando

HERNANI: (A D. CARLOS) Escondamo-nos ali.

D. CARLOS: No armário?

HERNANI: Entre, que eu me encarrego de caber os dois.

D. CARLOS: Obrigado, aqui está ótimo.

HERNANI: Fugamos pois por ali (Indicando a porta secreta).

D. CARLOS: Fuja você, eu fico aqui.

HERNANI: Viva Deus, que me pagará caro esse jogo.

D. CARLOS: Abra a porta. (A Josefa)

HERNANI: O que diz?

D. CARLOS: Mando que abra.

Continuam chamando; a ai abre a porta tremendo.

SOL: Estou morta!

CENA III

Os mesmos, D. Ruy Gomez de Silva (barba e cabelos brancos, traje negro) - Criados com tochas.

RUY: Dois homens no quarto de minha sobrinha e a estas horas! Venham todos aqui, que isto vale a pena ver. Dona Sol, creio que três homens são demais na minha casa. Que fazem aqui estes cavalheiros? Nos tempos de Cid e de Bernardo iam ambos pela Espanha honrando anciãos e protegendo donzelas; eram homens gigantes e fortes, aos que pesava menos o ferro de suas armaduras que a vocês o veludo de suas roupas; respeitavam os cabelos brancos, santificavam seus amores na igreja, não traíam a ninguém e conservavam a honra de sua descendência. Desejavam se casar, tomavam a mulher à luz clara do dia; tomavam-na sem marcha, com a espada, o machado ou a lança na mão. Porém estes traidores, que cometam suas malfetorias durante a noite, e que às costas dos esposos roubar a honra das mulheres, o Cid, nosso ilustre avô, os teria considerado desprezíveis, os teria feito se colocarem de joelhos, e por terem degradado a nobreza teria esbofetado seus braços com a bainha de sua espada. Isso fariam os homens de outros tempos com os homens de agora. Que vieram fazer aqui? Crêem que sou somente um velho que servirá de motivo de riso aos jovens? Vão rir de

...mim, que fui antigo soldado de Zouora e que envelheci na guerra? Vocês com certeza não rirão.

HERNANI: Senhor duque...

RUY: Silêncio! Vocês dispõem de toda classe de armas, gozar de matilhas e de festins, das danças e de todos os prazeres da juventude, e falta-lhes um brinquedo, e querem tirar este brinquedo de um infeliz ancião. Roubem, pois; mas roguem a Deus para que os estilhaços não arrebetem na cara. Sigam-me.

HERNANI: Senhor duque...

RUY: Sigam-me. Não é este o motivo de riso: tenho em minha casa um tesouro, que é a honra de uma donzela, que é a honra de toda uma família; esta jovem, a qual eu amo, é minha sobrinha, e logo será minha esposa. Creio que ela é casta e pura, porém vejo que não posso abandonar minha casa nem uma hora sequer, sem que um ladrão de honra se deslize nela. Querem algo mais de mim? (Arranca o colar) Tomem, pisoteiem no meu Tosão de Ouro. (Tira e joga o chapéu no chão) Desonrem meus cabelos brancos e poderão vangloriar-se amanhã na cidade! de que são dois jovens insolentes e libertinos, que teriam manchado a honra, a fronte pura de um ancião.

SOL: Ah! Senhor...

RUY: Escudeiros! Escudeiros! Venham aqui! Tragam-me o machado, o punhal e a daga de Toledo. Vocês dois sigam-me.

D. CARLOS: (Dando um passo) Duque, não se trate agora precisamente disso. Antes de tudo é preciso tratar da morte de Maximiliano, imperador da Alemanha.

RUY: Quer zombar de mim!

D. CARLOS: (Tirando o chapéu)

RUY: Santo Deus, o rei!

SOL: O rei!

HERVANI: O rei da Espanha.

D. CARLOS: Sim, Carlos I. Meu majestoso avô, o imperador, morto, segundo se sabe nesta mesma noite, e vim te participar esta notícia sem demora, a você meu leal súdito, e te pedir conselho, durante a noite e disferçado.

Ruy Gomez despede seus criados fazendo um sinal e chega perto do rei, o qual Dona Sol examina com surpresa e com temor, enquanto Hernani permanece isolado mirando-lhe com olhos faiscantes.

RUY: Por que demorou tanto pra abrir a porta?

D. CARLOS: Vinha demasiado acompanhado. Quando um segredo de Estado me atrai a seu palácio, não é para comunicá-lo a seus servidores!

RUY: Perdoe-me senhor. As abarências...

D. CARLOS: Basta. Não falemos mais nisso.

RUY: Morreu seu majestoso avô!

D. CARLOS: Sua morte me afundou na tristeza e na inquietude.

RUY: Quem vai herdar sua coroa?

D. CARLOS: O duque de Sajonia a pretende, e Francisco I da França é outro pretendente.

RUY: Onde se reunirão os eleitores do império?

D. CARLOS: Em Aix-la-Chapelle, em Spina ou Francfort.

RUY: Nosso rei e senhor, que Deus guarda, nunca pensou no Império.

D.CARLOS: Sempre.

RUY: Ele corresponde somente a você.

D.CARLOS: Eu sei.

RUY: Seu majestoso pai foi arqueduke da Austria, e o Império saberá que é seu avô que acaba de morrer.

D.CARLOS: Além do mais, sou cidadão de Gante.

RUY: Nos meus anos juvenis tive a honra de ver ao seu ilustre avô; eu sou o único que sobrevive de todo um século; já morreram todos os que nele viveram. Era um imperador magnífico e poderoso.

D.CARLOS: Roma se decide por mim.

RUY: Era valente sem ser tirano; a coroa lhe assentava muito bem. (Inclina-se e beija a mão de D.Carlos) Compadeço de vós, senhor!

D.CARLOS: O Papa deseja recuperar a Sicília, porém o imperador não pode possuir a Sicília, e se me escolhe, filho dócil, lhe devolverei Nápolis. Possuímos a água, que depois... já veremos se lhe deixarei roer as asas.

RUY: Com grande alegria veria o veterano do trono cingir sua coroa a seu illustre neto. Com que júbilo o presenciaria se vivesse!

D.CARLOS: O Padre Santo é hábil. Que magnífica a Sicília! É uma ilha que se pendura em meu reino, um giro que apenas convém a Espanha. Por isso me pergunto: "Que faria meu filho, dessa ilha atada ao cabo de um fio? Seu império está mal construído; dê a mim umas tesouras e cortemos." Obrigado Santíssimo Padre.

duque, quando a voz fela alto, pouco importa a língua em que se fale. Vou a
Flâncos, e desejo, meu querido Silva, voltar a Espanha imperebor. O rei da Fran
ça removerá tudo, por isso é que devo antecipar-me e partir em seguida.

RUY: Deixa a nós senhor, sem limpar antes a Aragão desses bandidos que, ao
abrigo de suas montanhas, levantam a atrevida cara?

D. CARLOS: Já dispus que o duque de Arcos acabe com eles.

RUY: Porém terá dado também a ordem de exterminar a capitã da quadrilha?

D. CARLOS: Quem é esse bandido? Como se chama?

RUY: Ignoro; porém dizem que é muito audaz.

D. CARLOS: Só se agora se esconde em Galícia. Já enviarei alguma força para
que se apoderem dele.

RUY: Pois falsas notícias dizem que está aqui.

D. CARLOS: Serão falsas... Esta noite me hospedo em sua casa.

RUY: Conceda-me senhor, imerecida honra. Todos honram ao rei, meu hóspede.

O duque faz formar duas filas de criados que levam as tochas até a porta do
undo. Entrementes Dona Sol se aproxima de Hernani. O rei os vigia.

OL: Amanhã a meia-noite, você estará embaixo da minha janela e me chamará dan-
do três palmadas.

HERNANI: Sim, amanhã.

CARLOS: (Amanhã) (A Dona Sol com galanteio) Permita-me oferecer a mão para
ir. (Ele a conduz até a porta.)

duque, quando a voz fele alto, pouco importa a língua em que se fele. Vou a
Flândes, e desejo, meu querido Silva, voltar a Espanha imperebor. O rei da Fran-
ça removerá tudo, por isso é que devo antecipar-me e partir em seguida.

RUY: Deixa a nós senhor, sem limpar antes a Aragoão desses bandidos que, ao
abrigo de suas montanhas, levantam a atrevida cara?

D. CARLOS: Já dispus que o duque de Arcos acabe com eles.

RUY: Porém terá dado também a ordem de exterminar a capitã da quadrilha?

D. CARLOS: Quem é esse bandido? Como se chama?

RUY: Ignoro; porém dizem que é muito audaz.

D. CARLOS: Só se agora se esconde em Galícia. Já enviarei alguma força para
que se apoderem dele.

RUY: Pois falsas notícias dizem que está aqui.

D. CARLOS: Serão falsas... Esta noite me hospedo em sua casa.

RUY: Conceda-me senhor, imerecida honra. Todos honram ao rei, meu hóspede.

O duque faz formar duas filas de criados que levam as tochas até a porta do
fundo. Entrementes Dona Sol se aproxima de Hernani. O rei os vigia.

SOL: Amanhã a meia-noite você estará embaixo da minha janela e me chamará dan-
do três palmadas.

HERNANI: Sim, amanhã.

D. CARLOS: (Amanhã) (A Dona Sol com galanteio) Permita-me oferecer a mão para
sair. (Ele a conduz até a porta.)

SEGUNDO ATO

"O BANDIDO"

Fátio no palácio do duque de Silva. À esquerda se vê as altas paredes do palácio, onde há um balcão; embaixo dele, uma porta pequena. À direita e no fundo casas e ruas. É noite. Nas fachadas de alguns edifícios há luz em várias janelas.

CENA I

D. CARLOS, Don Sancho Sanches de Zúñiga, conde de Monterrei; D. Matías Centurion, marquês de Almunja; Don Ricardo de Rojas, senhor de Casa Palma.

Chega D. Carlos seguido pelos três cavalheiros que vêm com chapéus desabados e vestidos com capas compridas, que deixam ver por baixo as pontas das espadas.

D. CARLOS: Aqui está a porta e aqui o balcão... meu sangue ferve! Há luz em toda parte, menos onde espero vê-la.

D. SANCHO: Senhor, voltamos a nos ocupar deste traidor; como é que o deixou partir?

D. CARLOS: Não quis prendê-lo.

SANCHO: Pois quem sabe era o chefe dos ladrões.

D. CARLOS: Se era; nunca o vi.

SANCHO: Disse que se chama...

D. CARLOS: Não me lembro bem... seu nome termina em "i".

SANCHO: Chama-se Hernani?

D. CARLOS: Sim, Hernani.

SANCHO: Pois é ele.

D. MATIAS: Ele é o chefe dos ladrões.

SANCHO: Não se lembra o que ele dizia?

D. CARLOS: Não podia ouvir bem o que falava, escondido naquele maldito armário.

SANCHO: Porém como o soltou, tendo-o em seu poder?

D. CARLOS: Conde de Monterrei, não me interrogue mais. Isso não me interessa. Não vou atrás dele, e sim atrás de sua dama, porque estou verdadeiramente enamorado por seus formosos olhos, que são dois espelhos, dois raios, dois sóis. Do diálogo que teve com ela só ouvi estas palavras: "Até amanhã a meia noite." Ouvi o essencial. Agora, enquanto o galán se entretém com alguma feitoria, váinho antes que ele e lhe roubo a pomba.

D. RICARDO: Teria sido, senhor, a jogada completa, ter roubado a pomba e matado o abutre.

D. CARLOS: Excelente conselho conde; você tem razão.

D. RICARDO: Senhor, qual título agrada-lhe para que eu seja conde?

SANCHO: Sua alteza se engana.

D. RICARDO: Não, o rei me nomeou conde.

D. CARLOS: Basta, deixe pra lá esse título; vá descansar, e em paz.

D. RICARDO: Graças, senhor.

O rei anda pelo fundo, olhando com impaciência as janelas iluminadas. Os outros conversam no proscênio.

SANCHO: (a D. Matias) Grande coisa um título! Ser conde por equivocação.

MATIAS: O que o rei fará de dama quando se apoderar dela?

SANCHO: Nomeará a dama, primeiro condessa, depois dama de honra e quando tiver um filho fará dela uma rainha, e do filho um rei.

MATIAS: Rei a um bastardo! Compreendo que lhe faça conde, porém não que pretenda tirar um rei de uma condessa.

SANCHO: É que dominará a duquesa e conseguirá tudo o que quiser.

MATIAS: Os bastardos se poupam para os países conquistados, que lhes nomeiam vice-reis; para isso é que servem.

D. CARLOS: (Olhando com raiva as janelas iluminadas) Vive Deus! Essas luzes que brilham no escuro parecem olhos zelosos a me espiarem. Que longos são os momentos de espera! Quem pode acelerar as horas! Maldito balcão! Quando ficarei iluminado? Sal ligeiro, Dona Sol a brilhar como ouro nas trevas da noite. (A D. Ricardo) Que horas são?

RICARDO: A hora do encontro está próxima.

O balcão de Dona Sol se ilumina

D. CARLOS: Ah! Vejam a luz que há nele! Vejam a sombra da dama através dos cristais! Vou fazer o sinal que espera; vou dar três palmadas. Porém para que não se assuste vendo aqui tanta gente, vão para a esquina mais próxima e protejam as costas! Compartilhemos estes namoros; a dama pare mim e o bandido pare com vocês!

RICARDO: Obrigado, senhor.

D. CARLOS: Se alguém vier atrapalhar, dê-lhe golpes de espada, enquanto eu levarei a dama; porém não matem Hernani, pois ele é um valente, e não quero carregar o peso da responsabilidade pela morte de um homem.

Os três cavaleiros se inclinam e saem. D. Carlos dá três palmadas; ao ouvir o último toque, Dona Sol chega até o balcão, vestida de branco; carrega uma lamparina na mão.

CENA II

D. CARLOS E DONA SOL

SOL: É você Hernani?

D. CARLOS: (Convém não falar) (volta e dar três batidas. Dá mais três batidas)

SOL: Chegou antes da hora combinada. (Fecha a sacada e pouco depois abre a pequena porta que dá para a rua; aparece em cena usando um manto e carrega uma lamparina.) (D. Carlos cobre o rosto com o chapéu e se acerca precipitadamente sobre ela.)

SOL: (Deixando cair a lamparina) Meu Deus! Não é ele! (quer voltar, porém o rei a segura pelo braço.) Não é ele! Coitada de mim!

D. CARLOS: Se esta voz não é a de seu amante, é em compensação a voz amorosa de um amante real.

SOL: O rei!

D. CARLOS: Ordens, peça, mande, colocarei um reino a seus pés, porque o homem que você despreza é o rei, seu senhor; é Carlos, seu escravo.

Dona Sol tenta se desprender

SOL: Socorro!

D. CARLOS: Não tenha medo que não sou o bandido a que você se sujeita; sou o rei.

SOL: O bandido é você que não tem vergonha de sua ação. Estes são os feitos heróicos que dão fama ao rei? Vir por meio de um engano durante a noite e roubar uma donzela? Meu bandido vale cem vezes mais que você. Rei de Castilha, se o homem nascesse no lugar que merece, se Deus concedesse as hierarquias meditando-as pelo coração, ele seria o rei e você o bandido.

D. CARLOS: Dona Sol!

SOL: Esquece que meu pai era conde?

D. CARLOS: Você será duquesa.

SOL: Não me envergonha. Nada pode existir de comum entre nós uma vez que sou muito mais para ser sua manceba e pouco para ser sua esposa.

D. CARLOS: Será princesa.

SOL: Rei D. Carlos, dedique seus amores às mulherzinhas que o merecem, porque insistir em seus propósitos, demonstrarei que sou dama e que sou mulher.

D. CARLOS: Pois bem, compartilhará o trono comigo: será rainha, imperatriz.

SOL: Não cairei nessas redes. Além do que, prefiro viver errante com meu Herói, fora da sociedade e da lei, compartilhando seu desterro e sua perseguição, que me sentar como imperatriz em seu trono.

D. CARLOS: Que feliz é esse homem!

SOL: É pobre e vive no desterro.

D. CARLOS: Ser pobre e desterrado lhe favorece, pois assim você o adora. Então eu vivo só, um anjo o acompanha. Porém Dona Sol, por que me odeia?

SOL: Não te amo.

D. CARLOS: (Pegando sua mão com violência) Pois não me importa que não me ame; virá comigo, porque lhe desejo e por que eu sou o mais forte; virá comigo por que sou o rei de Espanha e das Índias.

SOL: (Debatendo-se) Senhor, tenha piedade de mim! Já que é rei, pode escolher entre as marquesas ou duquesas de sua corte, que ficariam lisonjeadas por conseguirem seu carinho. Você possui as Castilhas, Aragão, Navarra, Murcia, Leão e muitos outros reinos além de Espanha, Flandes e as Índias. Possui um império onde o sol nunca se põe, e o pobre desterrado não possui nada além de mim. E você quer roubar-lhe a única coisa que possui? (Ajoelha-se aos pés do rei)

D. CARLOS: Vem comigo; nada escuto. Se corresponde ao meu amor, deixe você escolher quatro de meus reinos espanhóis.

SOL: Só quero de você... este punhal. (Arranca o punhal do cinto. O rei a solta e dá alguns passos para trás.) Atreve-se agora a dar um único passo.

D. CARLOS: Como você fica formosa! Não é estranho que ame a um rebelde! (Vai dar um passo e Dona Sol levanta o punhal ameaçando-lhe.)

SOL: Dê mais um passo e te mato e depois me mato. (O rei retrocede; Dona Sol vai até a rua e grita com força) Hernani! Hernani!

D. CARLOS: Fique quieta!

SOL: Socorro!

D. CARLOS: Senhora, já que me arrastou a tal extremo, digo que para te obrigar a vir comigo, nos acompanharão três homens de minha confiança.

HERNANI: (Saindo por trás do rei) Escutei vocês do quarto.

rei vira-se de costas e vê Hernani imóvel com os braços cruzados, usando u-

ma cape comprida e com a mão do chapéu levantada. Dona Sol dá um grito e corre abraça-lo.

CENA III

Os mesmos e Hernani

SOL: Hernani, me salva!

HERNANI: Fique calma meu amor.

D. CARLOS: (-Por que meus amigos terão deixado passar este capitão de bandoleiros?) Monterrei! (Chamando)

HERNANI: Seus amigos caíram no poder dos meus e é inútil que reclame a ajuda de suas espadas impotentes. Por cada três que venha ajudá-lo, virão sessenta dos meus, e cada um dos sessenta vale tanto como seus quatro. Pelo melhor de nós dois, acertemos nossas contas. Atreve-se a por a mão nesta donzela? Rei de Castilha, isso foi uma imprudência, isso foi uma covardia.

D. CARLOS: (com desdém) Não tolero repreensões de um bandido.

HERNANI: Zomba de mim! Não sou rei; porém quando um rei me insulta e ademais zomba de mim, minha cólera sobe até a altura de seu orgulho. É um insensato que se abriga a mínima esperança. (Apertando-lhe o braço) Sabe que mão é essa que te aperta? Ouve-me: seu pai fez morrer ao meu, e os odeio; arrebatou meus bens e meus títulos, e os odeio; ama a mulher que amo, e o odeio com toda minha alma.

D. CARLOS: Está bem.

HERNANI: Esta noite, todavia, que me esquecia de vocês, só sentia o desejo e a necessidade de ver Dona Sol. Ofegante e enamorado, chego aqui e vejo que ia roubá-la de mim. Quando os tinha esquecido, se interpõem no meu caminho; repito que é um insensato. Caiu em suas próprias redes: não pode nem fugir e nem!

...er socorrido. O que vai fazer?

D. CARLOS: (com altivez) Não consinto que me pergunte.

HERNANI: Não quis que ferissem um desconhecido, todavia não escapará à minha vingança. Defenda-se. (Sacando a espada)

D. CARLOS: Sou seu rei e senhor: mate-me, porém não espere que eu me defenda.

HERNANI: De repente se esqueceu que na noite passada nossas espadas se cruzaram.

D. CARLOS: Ontem cruzei a espada com você porque ignorava quem era e por que você não conhecia minha hierarquia; hoje ambos nos conhecemos.

HERNANI: Não importa, defenda-se.

D. CARLOS: Não aceito o duelo. Assassine-me.

HERNANI: Crê que para mim os reis são sagrados?

D. CARLOS: Crêem, bandidos, que suas vis quadrilhas podem estender-se impunemente pelas cidades? Crêem que, cheios de sangue e de crimes, podem passar por generosos, e que nós, vítimas de suas violências, enobreceremos seus punhais com o choque de nossas espadas? Isso jamais; já que o crime os possui e os arrasta atrás de nós, não podemos combater.

Hernani, sombrio e pensativo dá algumas voltas com a mão no pomo da espada durante alguns instantes; depois se volta bruscamente até o rei e rompe a espada contra o chão.

HERNANI: Vá, logo nos encontraremos.

D. CARLOS: Está bem. Dentro de poucas horas voltarei ao palácio e chamarei o viz. Colocarei sua cabeça a preço.

HERNANI: Eu sei.

D. CARLOS: A partir de hoje sei que você é vassalo rebelde e traídor, e aviso que os perseguirei sem cessar.

HERNANI: Já está decretado o meu desterro; por sorte a França fica próxima e me servirá de asilo.

D. CARLOS: Serei o imperador da Alemanha e então os expulsarei do império.

HERNANI: Irei ao fim do mundo para desafiar a sua ira, e sempre encontrarei um sítio onde seu poder não alcance.

D. CARLOS: E se o mundo for meu?

HERNANI: Então sempre poderei me refugiar na tumba.

D. CARLOS: Arruinarei suas tramas insolentes.

HERNANI: A vingança é coxa e caminha lentamente; porém chega ao fim.

D. CARLOS: (com desdém) Verdadeiramente é grave delito se atrever com a dama de um bandido!

HERNANI: Reflita que ainda está em meu poder, e pensa, futuro César, que se eu apertar esta mão leal, que é generosa para você, machucaria o ovo de sua águia imperial.

D. CARLOS: Quero ver se você se atreve!

HERNANI: Vá! Fuja daqui; porém pegue antes minha capa. (Toma a capa e a coloca nos ombros do rei) Minha capa o livrará de alguma punhalada; crerão que é Hernani.

D. CARLOS: Já que me fale desse jeito, não me peça nunca benevolência e nem perdão.

(Sai D. Carlos coberto com a capa do bandido)

CENA IV

Hernani e Dona Sol

SOL: Agora fuja sem demora.

HERNANI: Vejo que está resolvida a aceitar minha desgraça e a compartilhar minha vida e minha morte: nobre propósito, digno de um coração apaixonado e fiel; porém para levar contente ao meu retiro o tesouro de formosura que é cobijado pelo rei, para que me siga e una a sua existência a minha, para te arrastar comigo, ainda não é hora: vejo a força demasiadamente próxima.

SOL: O que diz?

HERNANI: O rei, a quem desafiei cara a cara, me castigará porque lhe perdoei. Fugiu e quem sabe já entrou no palácio e quem sabe chama a seus guardas e criados, a seus cavalheiros e cerrascos.

SOL: Ah! Faz-me tremer Hernani! Pois se é assim, apressemo-nos, fuja.

HERNANI: Já passou a hora de fugirmos juntos. Dona Sol, quando você se revelou aos meus olhos, tão bondosa e tão apaixonada, te ofereci aquilo que eu dispunha: as montanhas, os bosques, o negro pão do desterro, a metade do leito de musgo em que repouso; porém hoje só posso oferecer-lhe a metade do cadafalso, e...perdoa, oh Dona Sol; o cadafalso é só para mim!

SOL: Entretanto, também o havia prometido.

HERNANI: (Atirando-se aos pés de Dona Sol) Meu enjo! Neste instante em que, quem sabe, a morte se aproxima, declaro que, ainda que desterrado e errante, sou feliz e sou digno de inveja, porque me ama, e amando-me benzeu minha fronte

e maldita,

OL: Meu Hernani!

HERNANI: Mil vezes bendita a sorte que fêz nascer esta flor preciosa nas margens do meu abismo! Não digo a você, digo ao céu que me ouviu, digo a Deus.

OL: Permita que eu te siga.

HERNANI: Cometeria um crime arrancando a flor ao cair no abismo. Respirei seu perfume e me basta. Vê: una sua vida a outra vida; seja esposa do velho; te desligo de seus juramentos...deixa-me voltar a minha obscuridade; e você, ouça-me e seja feliz!

OL: Não, eu te sigo; quero a metade de sua mortalha. Não me separe de você.

HERNANI: (Abraçando-a) Oh, deixe-me fugir sozinho! (Depois de abraçá-la se separa bruscamente)

OL: (com sentimento) Foge de mim depois de ter me entregue a vida! Repale-me! Apesar da paixão que jura, não me permite a felicidade de morrer a seu lado

HERNANI: Estou desterrado, estou exilado, sou um homem funesto!

OL: É um ingrato!

HERNANI: Pois bem, me rendo. Você quer e então não nos separaremos. Ven, ven! nos meus braços. Estarei do seu lado até quando você quiser e esvouecerei de isto. Sente-se neste banco. (Dona Sol se senta e ele se coloca a seus pés) A luz dos seus olhos ilumina os meus. Cante alguma canção como em outras noites em que seus olhos tremiam até deixar cair nos meus lábios as pérolas brancas e suas lágrimas. Sejamos felizes! Bebamos, já que a taça está cheia. Esta hora nos pertence; esqueçamos de todo o resto. Fale-me e embriague-me. Não é

verdade, só de meu céu, que é doce amar e ser amado, ser dois, estar sozinho e galantear-se de amor à noite, quando todos dormem? Deixe-me dormir e sonhar em seu seio, vida da minha vida!...

Ouve-se ao longe sons de sino

SOL: (levantando-se assustada) Ouve? Tocam o alarme.

HERNANI: Não, anunciar nossas bodas.

Cresce o repique dos sinos. Ouve-se murmúrios confusos; vê-se tochas nas ruas e luzes nas janelas.

SOL: Fuja! Salve-se! Meu Deus! Parece que incendiam Zaragoza!

HERNANI: Teremos bodas com tochas.

Ouve-se gritos e choques de espadas

SOL: Esta é a boda dos mortos, a boda das tumbas.

HERNANI: (sentando-se no banco) Voltemos a sonhar.

UM MONTANHÊS: (correndo com a espada na mão) Senhor, os policiais e os oficiais de justiça entram na praça em tumulto. Alerta, monsenhor.

Hernani se levanta.

SOL: (pálida) Eu já tinha te falado isso.

MONTANHÊS: Socorro!

HERNANI: Aqui estou, não tema.

Gritos ao longe: Morte ao bandido! Morte ao bandido!

HERNANI: (ao montanhês) Dê-me a espada. Adeus Dona Sol.

SOL: Já te perdi! Aonde vai? Vem, fuja por esta porta.

HERNANI: Não posso abandonar meus amigos.

Aumenta o tumulto e os gritos

SOL: Esses clamores me terrorizam. (segurando Hernani) Lembre-se que se você morrer eu morrerei também.

HERNANI: (abraçando-a) Um beijo...

SOL: Meu dono! Meu esposo!

HERNANI: (beijando-a na frente) O primeiro!

SOL: E quem sabe o último!

Parte Hernani e Dona Sol cai sobre o banco.

"O ANCIÃO"

O castelo de Silva nas montanhas de Aragão.

A galerie de retratos da família de Silva; salão cuja decoração formam formosos retratos com preciosas molduras, que coroam emblemas e escudos de duques -No fundo há uma porta alta e gótica- Entre os retratos estão colocadas armaduras completas (da Idade Média) de vários séculos.

CENA 1

Dona Sol, vestida de branco, em pé junto a uma mesa, e D. Ruy Gomez de Silva, sentado numa poltrona de carvalho.

RUY: Finalmente chegou o dia! Dentro de uma hora deixará de ser minha sobrinha para ser minha esposa, e poderei te abraçar como marido. Já me perdoou? Confesso que a primeira vista não tive razão para envergonhar e suspeitar de você; não devia te condenar sem antes ter te ouvido; porém as aparências enganam e obrigam o homem a ser injusto. Encontrei dois moços centis; não devia dar crédito aos meus olhos... minha filha, porém quando se chega na minha idade...

SOL: Sempre me lembra disso e eu nunca falo do acontecido.

RUY: Pois eu sim; quero confessar meu erro. Nuncce devia ter suspeitado de uma dama que se chama Dona Sol de Silva, por cujas veias corre puro sangue castelhano.

SOL: Isso sim.

RUY: Escute: não é dono de si mesmo aquele que está apaixonado, assim como estou por você, e além disso velho. Há momentos em que preciso ser zeloso e até perverso, porque somos velhos; porque a graça, a beleza e a juventude dos de mais nos causam medo e parece nos ameaçar; porque os demais nos dão ciúmes que fazem com que nos envergonhemos de nós mesmos. Quando vejo passar um pas-

...ter jovem, enquanto canta pelo verde prado, e eu souno com meu caminho sem
...rio, digo a mim mesmo muitas vezes: "De boa vontade eu daria mil ameias de um
...castelo, meu antigo palácio ducal, meus bosques e minnas sementeiras, meus re-
...anhos e meus títulos, todos os meus bens por sua cabana nova e seu rosto ju-
...venil. Daria tudo o que possuo para ser jovem e formoso como você. Porém es-
...tá delirando. Já tenho um pé na cova."

ROL: Quem sabe!

RUY: Contudo, creia em mim: os jovens cavalheiros amam frivolamente. A donze-
...ra que os ama, morre por eles e eles riem dela. Têm a plumagem do amor mutá-
...vel como os pássaros de vistosas e ligeiras asas. Quando um velho ama, ama
...profundamente e conserva o coração jovem até a morte. Meu caminho não é como
...um brinquedo de cristal, que brilha e treme; é um carinho severo, arraigado,
...sólido e paternal, de maneira de carvalho, como meu trono ducal. É assim que
...eu te amo e além disso, se quiser também posso te amar de outros modos, como
...se ama à aurora, às flores e aos céus. Ao te ver tão pura, tão brilhante e
...tão formosa, sorrio de júbilo e minha alma se enfeita como para uma eterna
...esta.

OL: (Ah!)

RY: O mundo sempre vê com bons olhos quando um anjo, uma mulher, vela por um
...homem que se extingue pouco a pouco, e vai tropeçar nas pedras do sepulcro;
...uma mulher que o abrigue e se digne a sofrer pelo inútil ancião, que rapida-
...mente morrerá. Você será para mim esse anjo com coração de mulher, que regozí-
...ja a alma do pobre ancião e suporta o peso da metade de seus últimos anos, seg-
...ua sua filha por respeito e sua irmã por piedade.

OL: Casualmente, ao invés de ir na frente, siga-me senhor, que ser jovem não
...é razão para se viver. Muitas vezes os velhos se retardam e os jovens vão na
...frente.

RUY: Não pensemos mais nessas idéias sombrias; diga-me: como é que não está vestida para a cerimônia? Apressse-se em se arrumar com a roupa do casamento que já está quase na hora.

SOL: O tempo me detém.

Entra um pajen

PAJEN: Senhor, um peregrino espera na porta e pede hospitalidade.

RUY: Quem quer que seja, sempre a fortuna entra na casa que recebe ao forasteiro. Que entre. Sabe-se algo do capitão dos bandidos que foi desterrado?

PAJEN: Dizem que tudo acabou para Hernani, o leão das montanhas.

SOL: (Meu Deus!)

RUY: O que você disse?

PAJEN: Que a partida foi derrotada. Dizem que o mesmo rei ia á frente de tropas em sua perseguição. A cabeça de Hernani foi colocada a prêmio por mil escudos reais. Porém narram que foi morto durante a luta.

SOL: (Sem eu! Pobre Hernani!)

RUY: Graças a Deus que esse rebelde morreu! Alegremo-nos minha filha. Vá se arrumar. Hoje deve ser para nós um dia de festa dobrado.

SOL: (Dia de luto para mim.) (Sai)

RUY: (ao pajen) Que levem ao seu aposento o cofre que lhe dei de presente. Que a vê-la adornada como uma virgem, antes que o peregrino se ajoelhe. Corra, diga que entre e o traga até aqui. (Sai o pajen) Não se deve fazer nenhum hóspede esperar por muito tempo.

A porta do funco se abre e entra hernani, disfarçado de peregrino. (Quou se levanta e vai ao seu encontro.)

CENA I:

Ruy Gomez, Hernani

HERNANI: Paz e ventura ao generoso duque.

RUY: Paz e ventura ao hóspede recém chegado. (senta-se no escabelo) É peregrino?

HERNANI: Sim.

RUY: Vem de Armilhas?

HERNANI: Peguei outro caminho porque em Armilhas estava tendo batalha.

RUY: A luta do desterrado?

HERNANI: Não sei.

RUY: O que aconteceu com o chefe Hernani?

HERNANI: Quem é esse homem?

JY: Não o conhece? Picr para você porque perdeu a ocasião de ganhar uma soma com que taxaram sua cabeça. Hernani é um rebelde para o rei, nosso senhor; um capitão de bandidos que gozou muito tempo de impunidade. Se você for a Madrid virá como o enforcam.

HERNANI: Não vou para lá.

JY: Sua cabeça pertence a quem a caçar.

HERNANI: (Que venham pegá-la!)

RUY: Para onde vai, peregrino?

HERNANI: A Zaragoza.

RUY: Vai cumprir algum voto que fêz à Virgem?

HERNANI: Sim, à Virgem do Pilar.

RUY: Os votos feitos aos santos devem ser cumpridos. Depois de cumprir o voto, outro desejo, além de ver Pilar, não te leva a Zaragoza?

HERNANI: Não, senhor.

RUY: Como você se chama? Eu sou Ruy Gomez de Silva.

HERNANI: Quer saber meu nome?... (vacilando)

RUY: Pode não dizer se quiser; eu dou hospitalidade a todos que me pedem.

HERNANI: Muito obrigado, senhor.

RUY: Seja bem vindo; fique em minha casa e se disponha de tudo. Para mim você se chama hóspede, e esse nome me basta. Acolho você, seja quem for, pois receberia até mesmo a Santanás, se Deus o enviasse.

A porta do fundo se abre de par em par. Entra Dona Sol com traje nupcial, seguida por pajens, criados e duas damas que levam sobre uma almofada de veludo um cofre cinzelado, que deixam sobre uma mesa. O cofre contém uma coroa de coral, braceletes, colares, pérolas^e brilhantes aos montes. Hernani, arquejante e conturbado mira a noiva com olhos fulgurantes, sem escutar ao duque.

CENA III

Os mesmos, Dona Sol, pajens, criados e duas donzelas

RAY: Aqui está a minha Virgem do Pilar! Fize ante ela e curá feliz. Porque é Dona Sol; por que não leva o anel nupcial nem a coroa?

HERNANI: (com voz de trovão) Quem quer ganhar mil carlos de ouro? Eu sou Hernani.

Todos se voltam surpreendidos e esômbrados. Hernani tira a roupa de peregrino e fica vestido de montanhês.

SOL: (alegre) - (Céus, vive !)

HERNANI: (aos criados) Eu sou o desterrado que perseguem. (ao duque) Quer saber meu nome? Pois me chamo Hernani. Entrego a vocês a cabeça colocada a prêmio vale o bastante para pagar suas bodas. Ofereço-a para vocês todos; tomem-na, que os pagarão bem. Podem amarrar meus pés e mãos, ainda que seja inútil, porque já esou preso por uma cadeia que não posso romper.

SOL: (Infeliz de mim!)

RAY: (Sem dúvida meu hóspede está louco!)

HERNANI: Seu hóspede é um bandido.

SOL: Senhor, não lhe dê ouvidos.

HERNANI: Estou dizendo a verdade.

RAY: Mil carlos de ouro! Tão enorme é a quantidade que não respondo por todos os meus criados.

HERNANI: Basta que apenas um me delate e me entregue.

RAY: Cale-se. Podem acreditar no que você diz.

HERNANI: Amigos, a sorte os favorece; asseguro a vocês que sou o rebelde Hernani.

RUY: Cale-se.

HERNANI: Sou Hernani.

SOL: (falando a Hernani) Por favor, fique quieto.

HERNANI: Aqui se casam; eu também quero me casar; minha esposa também me espera. (ao duque) Minha esposa não é tão formosa como a sua, senhor duque, porém mais fiel...minha esposa é a morte.

SOL: (para Hernani) Por piedade!

HERNANI: Ninguém quer ganhar mil escudos de ouro?

RUY: É mesmo o demônio.

HERNANI: Vejo que está tremendo. Que desgraçado eu sou!

RUY: Se se atreverem a te prender, ao invés de entregar sua cabeça, se exortam a perder a deles. Ainda que seja Hernani ou outro bandido mais ruim, e em lugar de ouro oferecesse um império por sua cabeça, dentro da minha casa te protegeria contra todos, até contra o próprio rei, porque os hóspedes são enviados por Deus. Antes morrerai eu, que ninguém se atreva a tocar em um cabelo de sua cabeça. Dona Sol, dentro de uma hora será minha esposa. Volte para seu aposento, Vou armar todo o castelo e fechar as portas. (Sai, seguido de seus criados.)

HERNANI: (olhando o cinto) Ah! Não levar nenhum punhal!

Logo que o duque desaparece, Dona Sol dá alguns passos para seguir suas ocazetas, porém depois se detém, e retrocede quando elas saem, indo com grande ansiedade até Hernani.

CENA IV

Hernani e Dona Sol

LABORATÓRIO DE TEXTOS
Dopto. Artes Cênicas
UNICAMP

Hernani contempla com olhares frios o cofre nupcial que está sobre a mesa; pois move a cabeça; seus olhos lacrimam

HERNANI: Meu parabéns para os dois; me encanta, me enamora, me admira o seu traje de bodas. (Chega perto do cofre) O anel nupcial é de bom gosto... A coroa ducal preciosa... o colar admirável... os braceletes belíssimos; porém tudo isto vale cem vezes menos que a mulher formosa que oculta um coração infame. Com o que você comprou tudo isto? Com um pouco de amor? Verdadeiramente é muito barato! Meu Deus! Enganar deste modo e não ter vergonha de viver! (Examinando o cofre) Quem sabe as pérolas sejam falsas, o ouro seja cobre, vidro e chumbo os diamantes, quem sabe estas jóias sejam falsas. Se é mesmo assim duquesa, seu coração é falso como estas jóias e você mesma é de ourovel. Porém não, estas jóias são de boa lei, são lindas e verdadeiras; um homem que tem o pé na cova não se atreveria a te enganar. O jogo está completo; colar, brilhantes, pendentes, coroas, anel nupcial... nada falta. É o magnífico presente que seu amor fiel, leal e profundo merece. O cofre é precioso.

SOL: (Pega o cofre e tira dele um punhal.) Não viu o que estava no fundo. Este punhal que roubei do rei Carlos no momento em que me oferecia o trono, que desprezei por você; você que agora me ultraja.

HERNANI: (Caindo a seus pés) Permita-me que de joelhos recolha as lágrimas que seus belíssimos olhos derramam. Depois te darei todo o meu sangue por essas lágrimas.

SOL: (Enternecida) Hernani, te amo e te perdôo; porém não se esqueça nunca de que meu amor será sempre seu.

HERNANI: Perdoa-me e ama-me! Depois do que te disse, me ama e me perdôa.

SOL: Meu Hernani!

HERNANI: Você deve me odiar; porém diga-me outra vez que me ama; tranquilize o coração que duvida; diga-me por piedade por que muitas vezes as palavras

que saem dos lábios de uma mulher curam feridas profundas.

SOL: (Absorvida e sem ouvi-lo) Acreditar que sou tão esquecida! Não compreender que nenhum outro homem pode entrar no coração que ele vive!

HERNANI: Blasfemei contra você. Em seu lugar Dona Sol, eu já teria cansado de te louco furioso, que não sabe acariciar nem depois de ter ofendido, e lhe fêz fugir do seu lado. Repele-me, ainda que se afaste te bendirei, porque foi sempre terna e bondosa comigo, porque me suportou muito tempo, porque sou perverso, porque obscureci seus dias com minhas noites. Sua alma é bela, nobre e pura, e não é culpada por eu ser perverso. Case-se com o duque; ele é bom e poderoso; seja feliz com ele. Seja esposa do ancião; ele te merece mais que eu. Como casar sua fronte pura com minha cabeça desterrada? Quem, vendo-nos unidos, você tranquila e bela, eu violento e feio; você apacível e limpa como uma açucena branca, eu sombrio e açotado por tantas tempestades; quem dirá que nesse sorte segue a mesma lei? Deus, que é uma suprema sabedoria, não te criou para mim. Não tenho direito algum para te possuir; possuir seu coração seria um roubo; eu o restituo ao que é mais digno e deve possuí-lo. Tudo se acabou para mim; chego e ficar envergonhado de não ter me vingado e nem ser feliz. Nasci para o ódio e somente ele soube amar. Perdoe-me, fuja de mim, te peço.

SOL: Ingrato.

HERNANI: Levo a desgraça a todo aquele que me rodeia. Montanhas de Aragão, de Galícia e de Extremadura, arrebatei seus melhores filhos, e sem remorso os fiz brigar para defender meus direitos, e os levei a tumba. Por mim morreram os homens mais bravos da valente Espanha. Isto é o que eu proporciono a todo aquele que me segue! Não deve dividir meu destino cruel; case-se com o duque, com esse rei diabólico, com o inferno; tudo isso será melhor que eu. Que eu me recorde não ficou nem um amigo sequer, todos me abandonam; é preciso que eu escape agora a esse turno, porque eu devo viver sozinho. Fuja de meu contágio. Que o amor não seja para você uma religião; tenha compaixão de si mesma e fuja de mim. Talvez você pense que sou um homem como os demais, um ser inteligente que luta por conseguir o objeto de seus sonhos; mas não, não o sou. Sou uma força que

impulsionam, o agente cego e surdo dos mistérios fúnebres, sou a última desgraça impregnada de trevas. De onde sou? Não sei. Só sei que um destino insensato me impulsiona com sopro impetuoso; só sei que descendo cada vez mais, não consigo nunca me deter. Se algumas vezes, arquejante, me atrevo a olhar para trás, ouço uma voz que grita: "Adiante!", e o abismo é profundo, e vejo o seu fundo vermelho, ou de chama ou de sangue, e entretanto, em uma ou outra parte de minha vertiginosa carreira, tudo se destrói, tudo morre. Ai daquele que me toca! Fuja de mim! Afaste-se do meu caminho fatal.

SOL: Grande Deus!

HERNANI: Um demônio terrível me empurra; e me dar a felicidade é o único prodígio que não pode realizar, porque minha felicidade é você...e você não é para mim. Busque outro senhor...case-se com o duque.

SOL: Não se satisfiz em desgarrar meu coração, e quer arrancá-lo. Ah! Não me ama.

HERNANI: Você é para mim o foco ardente de onde nasce minha única felicidade; se fujo de você, não tenho aversão por mim, minha vida!

SOL: Não posso te aborrecer...porém morrerai.

HERNANI: Morrer por mim!

SOL: Morrerai. (Chorando cai sentada numa poltrona)

HERNANI: (Sentando-se perto dela) Chora por minha causa? Quem me castigará, já que você sempre me perdoa? Porém...meus amigos morreram, est-u louco...me perdoa outra vez. Quisera saber amar, e não sei; e todavia, a paixão que me domina é muito profunda. Não chore! Quisera ter um mundo para prostrar a seus pés! Sou tão desgraçado!

SOL: (Abraçando-lhe) Oh! Não; você é o leão soberbo e generoso que amo.

ERNANI: O amor seria um bem supremo se pudéssemos matar a força de amor. Quer
os dois teria morrido antes?

OS DOIS JUNTOS: Eu!

ERNANI: (apoiando o rosto no colo de Dona Sol) Pois bem, que Deus nos una. Vá
o quer assim, pois assim seja. Resist: quanto pude.

contemplam-se extasiados; D. Ruy que entra pelo fundo vê os dois e para petrifi-
cado.

ACTO V

OS MESMOS E D. RUY

DUQUE: (imóvel e com os braços cruzados) Eis aqui a recompensa de minha boa hospita-
lidade.

D. RUY: Meu Deus! O duque!

Os amantes se separam sobressaltados

DUQUE: (sempre imóvel) Assim o hóspede me recompensa? Bom cavalheiro, vá ver se a
muralha está bem guarnecida, as portas cerradas e o arqueiro vigiando a ter-
ra. Reviste o castelo, vista no arsenal uma armadura forte, preparando, aos
sessenta anos, uma armadura de batalha. Volte e verá com que lealdade pagamos
a sua hospitalidade. Nos largos anos que conto de existência, vi assassinos,
aidores, moedeiros falsos, criados infiéis que envenenam seus senhores; vi à
Orza, à Borgia e à Lutero, porém nunca vi perversidade tão grande que não te-
nhesse trair ao hóspede. Este crime não é da minha época; tão negra traição pe-
nifica ao velho no umbral de sua casa e lhe converte em estátua de sua pró-
pria tumba. Mouros e castelhanos, quem é este homem? (Levanta os olhos e mira
retratos que rodeiam a sala) Meus ilustres antepassados, ilustres Silvas
que me escutam, perdõem se em minha cólera digo ante vocês que a hospitalidade
é um mal conselheiro...

HERNANI: Senhor duque...

RUY: Silêncio! Sagrados mortos! Meus antepassados, homens de ferro, que sabem o que vem do céu e o que vem do inferno, digam-me quem é esse homem! É Hernani, o Judas?

HERNANI: Senhor duque...

RUY: Vêem? O infame se atreve a falar-me. Porém melhor que eu, vocês lêem em sua alma. Prevêem por acaso que meu braço ensanguentará meus lares, que ouer sabe meu coração trama uma vingança horrível... meus antepassados, já estão vendo, e culpa não é minha, é dele. Julguem os dois.

HERNANI: Duque de Silva, nunca se elevou até o céu fronte tão nobre, nem coragem tão grande como o seu. Sou culpado e não me defendo, porque sei que mereço sua cólera. Quis roubar esta dama, sua futura esposa, e manchar o seu leito; sei que isto é infame, porém pode derramarlo sangue que corre por minhas veias e depois limpar a espada.

SOL: Senhor, eu sou a única culpada, castigue somente a mim.

HERNANI: Fique quieta dona Sol, porque esta hora é suprema e me pertence por completo, porque já não terei outra. Deixe-me falar ao duque. Juro senhor que sou culpado; porém não fique intranquilo, juro que Dona Sol é pura. Ela é pura e eu sou o culpado; ela merece que lhe consagre seu carinho e eu mereço que me dê uma punhalada.

SOL: Eu sou a causa de tudo, porque eu o amo.

D. Ruy retrocede surpreendido ao ouvir estas palavras e fixa olhares terríveis em Dona Sol; ela se ajoelha a seus pés.

SOL: Perdoa-me, senhor! Perdoa-me, porém o amo!

RUY: Você o uma! (a Hernani) Caia, pois!.....

Ouve-se trombetas; entra um pajem.

RUY: O que é esse ruído? (Ao pajem)

PAJEM: Senhor duque, vem o rei com seu corpo de arqueiros, e seu arauto é quem tocou a trombeta.

SOL: Grande Deus, o rei!

PAJEM: O rei pergunta por que o castelo está fechado e manda abrir a porta.

RUY: Pode abri-la. (sai o pajem)

SOL: (Está perdido!)

D. Ruy se dirige a um quadro, que é seu próprio retrato, e que é o último da esquerda; toca uma mola e uma porta se abre, deixando ver um esconderijo praticável na parede. Logo se volta para Hernani e lhe diz:

RUY: Entre aqui.

HERNANI: Minha cabeça é sua. Entregue-a senhor, que sou seu prisioneiro e estou decidido a morrer. (Entra no esconderijo que D. Ruy volta a fechar.)

SOL: Senhor, tenha compaixão dele!

PAJEM: (Entrando) Sua alteza, o rei!

Dona Sol abaixe precipitadamente o véu. Abre-se de par em par a porta do fundo e entra por ela D. Carlos em traje de guerra, seguido de uma multidão de gentis homens e de soldados.

CENA VI

Os mesmos, D. Carlos e sua comitiva

D. Carlos avança lentamente, com a mão esquerda na guarnição da espada e a direita no peito, olhando o duque com expressão de desconfiança e cólera. D. Ruy sai a recebê-lo e o saúda com profunda reverência.

D. CARLOS: Por que hoje, amado primo, tem as portas do castelo cerradas? Acreditava que sua espada tivesse criado mofo, e ignorava que tivesse desejos de reluzir em sua mão quando vimos te ver. Empanha algo tarde por considerar-se ainda moço? Temos por acaso mouros em campanha? Chamarei-me Eoabdil ou Mahoma e não Carlos de Austria para que levante a ponte e baixe o rastelo?

UY: Senhor...

.CARLOS: (A seus cavalheiros) Tomem as chaves e apoderem-se das portas. (Saem todos os cavalheiros.) Trate de despertar as rebeliões adormecidas! Vive Deus, senhores duques, que se pretenderem se igualar ao rei, o rei se colocará em seu lugar e sentirão que ele é seu amo e senhor! Nos cumes mais altos dos montes, onde estão os ninhos, irei destruir seus senhores com minhas próprias mãos.

UY: (Erguendo-se) Os Silvas sempre foram vassallos leais e

CARLOS: (Interrompendo) Conteste-me sem rodeios duque; conteste-me e faça arsa suas onze torres. Do incêndio apagado cai uma fâsca acesa; dos rebeldes mortos na luta se salvou o chefe militar; se sálvou fugindo. Você é quem o empre; você esconde Hernani em seu castelo.

UY: Senhor, é verdade.

CARLOS: Pois bem, quero a cabeça dele ou a sua.

RUY: (Inclinando-se) Ficarei satisfeito.

Dono Sol cai em uma poltrona, com a cabeça entre as mãos.

D. CARLOS: Traia ao bandido.

O duque cruza os braços, abaixa a cabeça e fica alguns momentos pensativo. O rei e Dona Sol lhe observam em silêncio, agitados por emoções distintas. Por fim, o duque levanta a cabeça, se dirige ao rei, pega a sua mão e o leva ante o retrato mais antigo que está à direita do espectador.

RUY: Este é o mais antigo dos Silvas, o avô, o princípio da raça, Silvius, que foi três vezes cônsul de Roma. O segundo é Galcerán de Silva, outro Cid, cujos restos sagrados se guardam em Toro, num caixão dourado. Foi ele quem livrou a cidade de Leão do tributo das cem donzelas. O terceiro é D. Elias, que por sua vontade se desterrou do reino por ter aconselhado mal ao rei. O quarto é D. Cristóbal: no combate de Escalona, quando o pai D. Sancho fugia a pé, e seu penacho branco servia de pontaria aos tiros dos inimigos, Cristóbal gritou, chamando-lhe para ajudá-lo. Cristóbal lhe tirou o penacho e deu-lhe seu cavalo. O quinto é D. Jorge, o que pagou o resgate do rei de Aragão, D. Ramiro.

D. CARLOS: (Cruzando os braços e mirando-lhe dos pés a cabeça) D. Ruy Gomez, o admirado; continue.

RUY: Este é Ruy Gomez de Silva, grande mestre de Santiago e de Calatrava: tomou trezentas bandeiras, ganhou trinta batalhas e depois de reconquistar para o rei Monril, Antequera, Suez e Mújar, morreu pobre. Saudável senhor. A seu lado está D. Gil de Silva, seu filho, que foi espelho de lealdade. Este outro é D. Gaspar de Mendoza e de Silva, honra de sua descendência. Todas as casas nobres têm algo a ver com a de Silva. Sandoval nos respeita e Alencastre nos odeia. Em uma época tocamos aos duques com os pés e aos reis com a fronte.

D. CARLOS: Está brincando comigo!

RUY: Este é D. Vasquez, chamado o Sabio. Este é D. Jaime, o vesgo, que conteve em um só dia a Zemit e a outros cem mouros. (Ao ver a impaciência do rei, passa rápido por alguns retratos e se dirige aos três últimos da esquerda.) Este é meu nobre avô: viveu sessenta anos e guardou sempre a fé jurada até aos judeus. Este outro ancião, de venerável aspecto, é meu pai. Foi grande, ainda que nascesse por último. Os mouros de Granada fizeram prisioneiro a seu amigo o conde de Alvar Girón, porém meu pai reuniu para ir buscá-lo seiscentos homens de guerra; fez esculpir em pedra um conde Alvar Girón que levou consigo, jurando por seu patrono não desistir de seu empenho, até que o conde de pedra tivesse a cabeça. Combateu pelo conde e conseguiu salvá-lo.

D. CARLOS: Entregue-me o bandido.

O duque se inclina ante o rei e o leva até o retrato que serve de porta ao esconderijo de Hernani.

RUY: Este retrato é o meu. Rei D. Carlos, estou-lhe agradecido, porque quer conseguir que este retrato diga aos sucessores que o contemplam: "O último Silva, filho de uma raça nobilíssima, foi um traidor, que vendeu a cabeça de seu hóspede."

Alegria de Dona Sól. Movimento de estupor nos que estão presentes. Desconcertado o rei afasta-se do duque com raiva; depois permanece alguns instantes em silêncio, com os lábios trêmulos e os olhos chamejantes.

D. CARLOS: Duque, seu castelo me atralha e o farei derrubar.

RUY: Para se vingar de mim?

D. CARLOS: Por tanta audácia, arrasarei suas torres e no solar farei semear cânhamo.

RUY: Prefiro, senhor, ver crescer cânhamo no solar de minhas torres, que ver cair uma mancha no brasão dos Silvas.

D. CARLOS: De qualquer modo, você prometeu entregar essa cabeça...

RUY: Senhor, prometi a minha ou a dele; entregue a minha: pode tomá-la.

D. CARLOS: Bem duque, porém eu perco na troca. A cabeça de que necessito é a de um jovem que, quando talhado, pode ser pego pelos cabelos, o que o verdugo não poderia fazer com a sua.

RUY: Não me afronte, senhor; minha cabeça é ilustre e, ainda que velha, vale mais que a de um rebelde.

D. CARLOS: Entregue-me Hernani.

RUY: Disse o que tinha para dizer, senhor.

D. CARLOS: (aos seus) Revistem todo o castelo sem perdoar esconderijos nem buracos.

RUY: Meu castelo é tão fiel como eu: somente nós dois sabemos este segredo e nós dois o guardaremos.

D. CARLOS: Pense que sou o rei.

RUY: Mesmo que demolido meu castelo pedra a pedra, e me servindo de sepulcro, não encontrará o que busca.

D. CARLOS: São inúteis minhas súplicas e minhas ameaças! Entregue-me Hernani ou derrube sua cabeça e seu castelo.

RUY: Faça o que lhe agrada.

D. CARLOS: Pois em lugar de uma terei duas cabeças. (ao duque de Alcalá) Fren - tam ao duque de Silva.

SOL: (Levantando o véu e interpondo-se) D. Carlos de Austria, você é um rei de verso.

D. CARLOS: Grande Deus, Dona Sol!

SOL: Bem se vê que não é espanhol.

D. CARLOS: (Conturbado) É muito severa ao julgar-me. (Chega até Dona Sol e lhe diz em voz baixa) Você é a causa da minha cólera, porque ao homem que lhe aceita, se converte em anjo ou demônio; seus desdêns e seus enfados me converteram em tigre. Todavia, não ficará decepcionada comigo. (Em voz alta) Amado primo, compreendo finalmente que seus escrúpulos são legítimos; sê leal ao seu hóspede e desleal a seu rei. Sou melhor que você e lhe perdôo; porém levo sua sobrinha como refém.

RUY: O que ouço?

SOL: A mim, senhor!

D. CARLOS: Sim, a você.

RUY: Sua generosidade e sua eloquência perdoam a cabeça para torturar o coração.

D. CARLOS: Escolhe entre sua sobrinha e o rebelde. Necessito de um dos dois.

RUY: Você é o rei...

D. Carlos se aproxima de Dona Sol para levá-la e ela se refugia nos braços de D. Ruy Gomez.

SOL: Salve-me, senhor! (separando-se de seu tio) (Desgraçada de mim! Devo me sacrificar!) (ao rei) Seguirei vocês.

D. CARLOS: (Ocorreu-me uma idéia magnífica.)

Dona Sol se dirige ao cofre, abre e toma o punhal que está dentro e o esconde no colo. D.Carlos se dirige até ele e pega em sua mão.

D.CARLOS: O que você pegou?

SOL: Nada, senhor.

D.CARLOS: Por acaso alguma jóia?

SOL: Sim.

D.CARLOS: Deixe-me ver.

SOL: Já é verã.

Dona Sol lhe dá a mão e se dispõe a segui-lo. D.Ruy que está imóvel, como que assombrado, grita de repente.

RUJ: Senhor, deixe Dona Sol, deixe a minha esposa, deixe a minha filha! Não te nho ninguém mais no mundo!

D.CARLOS: Pois entregue-me o bandido.

O duque vacila, olha seu retrato, se volta para o rei e diz:

RUJ: Insistí em seus propósitos?

D.CARLOS: Sim.

O duque tremendo leva a mão até a mole.

SOL: (Meu Deus!)

RUJ: Não! (arrepende-se e ajoelha-se aos pés do rei) Po compaixão, senhor, tome minha cabeça!...

D.CARLOS: Levo Dona Sol.

RUY: Felizmente não pôde levar minha honra.

D. CARLOS: (Tomando a mão de Dona Sol) Adeus, duque.

RUY: Deus os guarde, senhor.

O duque volta arquejante e imóvel até o proscênio, sem ver nem ouvir nada, com o olhar fixo e os braços cruzados sobre o peito; entretanto o rei sai com Dona Sol e toda a sua comitiva.

RUY: Rei Carlos, enquanto sai, alegre, do castelo, minha antiga lealdade, chorando, sai do coração.

Levanta a cabeça, olha a sua volta e percebe que está só. Chega perto de uma das panóplias, saca duas espadas, as mede e as deixa sobre a mesa. Depois se dirige ao retrato, toca a mola e a porta secreta se abre.

CENA VII

D. Ruy Gomez e Hernani

HERNANI sai pela porta secreta. D. Ruy mostra-lhe as duas espadas que estão sobre a mesa.

RUY: Sai e escolhe. D. Carlos já abandonou o castelo. Ajustemos agora nossas contas pendentes. Sua mão está tremendo?

HERNANI: Você me propõe um duelo? Pois não podemos lutar.

RUY: Não pôde lutar por ter medo ou por que não é nobre? Nobre ou plebeu, para cruzar a espada comigo, todo aquele que me ultraja é bastante homem-gentil.

HERNANI: Ancião!

RUY: Venha matar ou morrer.

HERNANI: A morrer estou disposto: no meu pesar salvou-me a vida e sendo assim, eu te pertencço; pode tomá-la.

RUY: Isso é o que você quer? (Dirigindo-se aos retratos) Já que me obriga, Hernani) Encomende-se a Deus.

HERNANI: A você dirigirei o último pedido.

RUY: Dirija-o ao supremo senhor.

HERNANI: A você; mate-me com espada, adaga ou punhal, como queira; porém conceda-me por última graça que a veja antes de morrer.

RUY: Vê-la!

HERNANI: Ou ao menos que ouça sua voz pela última vez.

RUY: Ouví-la!

HERNANI: Compreendo senhor o que são zelos; porém já que estou nos braços da morte, não deve temer por mim. Permita-me que o ouça, ainda que não a veja, e morrerrei feliz. Nem sequer lhe falarei; você estará presente e depois me matará.

RUY: Esse esconderijo é tão silencioso e tão profundo que nada ouviu?

HERNANI: Nada, senhor.

RUY: Pois me vi obrigado a entregar Dona Sol ou você.

HERNANI: Para quem?

RUY: Ao rei.

HERNANI: Velho estúpido! O rei a ama!

RUY: O rei? (Assustado)

HERNANI: É nosso rival e nos roubou Dona Sol!

RUY: Maldição! Meus vassallos, a cavalo, a cavalo, persigamos o raptor!

HERNANI: Escute-me: pertenço a você e pôde me matar quando quiser; porém, que antes que eu vingue sua sobrinha e sua virtude ultrajada? Desejo fazer parte dessa vingança e suplico que me conceda essa graça. Persigamos nós dois e serei seu braço e o vingarei. Depois pôde me matar.

RUY: Poderei sempre dispor de sua vida?

HERNANI: Sempre, eu juro.

RUY: Por quem jura?

HERNANI: Pela memória de meu pai.

RUY: Não se esquecerá nunca do que agora promete?

HERNANI: (Apresentando uma trombeta que saca do cinto) Guarde esta trombeta. Suceda o que suceder, quando queira, senhor duque, em qualquer lugar, e qualquer hora que lhe ocorra que eu devo morrer, toque a trombeta e eu mesmo me matarei.

RUY: (Estendendo-lhe a mão) Estamos em conformidade.

Os dois apertam-se as mãos. D. Ruy se dirige aos retratos.

RUY: Todos vocês são testemunhas!

QUARTO ATC

"O SEPULCRO"

Aquisgrán

Subterrâneo que encerra o sepulcro de Carlo Magno, em Aquisgrán. Grandes abóbodas de arquitetura bombarda; grossos pilares baixos, arcos, cabeças com realces de pássaros e flores. À direita o sepulcro de Carlo Magno, ao qual se entra por uma pequena porta, baixa e curvada. Apenas uma lâmpada, pendurada na chave da abóbada, ilumina esta inscrição: "Carolus Magnus". - É noite - Não se vê o fundo do subterrâneo, e a vista se perde nas arcadas, nas escadas e nos pilares que se entrecruzam na escuridão.

CENA I

D. Carlos, D. Ricardo de Rojas, conde de Casabalme com uma lanterna na mão.

RICARDO: (com o chapéu na mão) É aqui.

D. CARLOS: Aqui se reúne a Liga e vou conseguir um lugar junto a seus membros. O eleitor de Tréveris lhes ofereceu este lugar... que é muito adequado. Certa classe de rebeliões faz prosperar o ar das catacumbas; bom é aguçar os estiletes nas pedras dos sepulcros, porém este jogo é muito arriscado, nele se arrisca a cabeça. Bem fizeram em escolher um sepulcro para suas reuniões; assim terão que andar menos. Esses subterrâneos são grandes?

RICARDO: Vão até a fortaleza.

D. CARLOS: Mais do que o necessário.

RICARDO: Outros subterrâneos vão deste lado até o mosteiro de Altnheins.

D. CARLOS: Onde Rodolfo exterminou Lotario Bieu. Repita para mim outra vez, com de, os nomes e as ofensas, onde, como e por que.

RICARDO: O duque de Gotha...

CARLOS: Sei por que esse duque conspira; quer que um alienado ocupe o império da Alemanha.

RICARDO: Hohemburgo.

CARLOS: Esse, segundo disseram, preferia ir ao inferno com Francisco I, que ir ao céu comigo.

RICARDO: Don Gil Téllez Girón.

CARLOS: Ira' de Deus! Esse infame conspira contra o seu rei!

RICARDO: Disseram que uma noite ele ^{te} encontrou na alcove de sua senhora, pouco depois de ser nomeado barão, e quer vingar a honra de sua cara metade.

CARLOS: Então que se rebelde contra a Espanha inteira. Quem mais?

RICARDO: Citam também o reverendo Vásquez, bispo de Ávila.

CARLOS: Também para vingar a virtude de sua mulher?

RICARDO: Além do mais, Guzmán de Lara está descontente porque deseja conseguir a insígnia de sua ordem.

CARLOS: Se não deseja mais que a insígnia, a obterá.

RICARDO: O duque de Lutzelburgo. Quanto aos planos que lhe são atribuídos...

CARLOS: Esse duque tem a cabeça muito grande.

RICARDO: Juan de Haro, que quer obter a Astorga.

CARLOS: Os Haros sempre derão muito trabalho ao verdugo.

RICARDO: Já não dão mais, senhor.

D. CARLOS: Mas não estão todos, conde. Não citaram mais que sete, e são muito mais, segundo me contam.

RICARDO: Porque não falei de alguns bandidos, comprados por Tréveris e pela França. Esses são homens sem escrúpulos, cujo punhal se inclina sempre ao ouro como a agulha ao pólc. Todavia, entre eles vi dois muito audazes, recém chegados, um jovem e um velho...

D. CARLOS: Seus nomes, suas idades...

RICARDO: Ignoro como se chamam; quanto a idade, um deve ter vinte anos...

D. CARLOS: Que lástima!

RICARDO: E o outro menos de sessenta.

D. CARLOS: O primeiro não tem idade para conspirar, e outro já não a tem; pior para eles. Em caso de necessidade, o verdugo (pessoa cruel) pôde contar com minha ajuda. Ao invés da minha espada ser benigna para as facções, e emprestare; se sua arma perde o corte, e para ampliar o cadafalso, se for preciso, ligarei minha púrpura imperial ao pano do cadafalso. Porém chegarei a ser imperador?

RICARDO: Já reunido o Colégio, delibera nestes momentos.

D. CARLOS: Nomeará Francisco I ou o saxão Frederico, o sábio. Lutero tem razão: "Tudo vai mal!" Esses fautores de majestades sagradas só fazem caso de razões deslumbradoras. Um conde palatino imbecil! Um privado libertino de Tréveris! Esses são meus concorrentes. Ao rei de Bohemia o tenho de minha parte. Os príncipes de Hesse são menores que seus Estados, são moços idiotas ou velhos libertinos, e formam um ridículo concílio de anões que eu poderia levar embaixo do meu pé de leão, como Hércules. Falta-me três votos conde, e me falta tudo. Por esses três votos eu daria Gante, Tolêdo e Salamanca, as três cidades que elegem

am Castilho ou Franco...daria todas elas....para recuperá-las mais tarde. O
ve? (D. Ricardo se inclina saudando-o e põe o chapéu) Você os cubriu?

RICARDO: Senhor, tem sido meu tutor e já sou grande na Espanha.

CARLOS: (Sua ambição frívola me cause lástima!)

RICARDO: Abrigo a esperança de que proclamem, sua alteza, imperador.

CARLOS: (Alteza! Se não pudesse passar de rei!)

RICARDO: (Seja ele imperador ou não, eu já sou grande na Espanha.)

CARLOS: Quanto ao que ^{for} eleito imperador da Alemanha, através de que sinal e
cidade anunciará seu nome?

RICARDO: Se elegem ao duque de Sajonia, dispararão um tiro de canhão; dois ti-
pos elegem ao rei Francisco; três nomeiam a D. Carlos de Austria, rei da Espa-
nha.

CARLOS: Dona Sol me contraria, conde; se por acaso me nomeiam imperador, con-
te buscá-la...quem sabe, se vê que sou César, corresponda ao meu amor!

RICARDO: (sorrindo) Sua alteza é demasiadamente bom e ...

CARLOS: (Interrompendo) Sobre isso não pronunciarei nem mais uma palavra. Quan-
do sabermos o nome do eleito?

RICARDO: Daqui a uma hora.

CARLOS: Por três votos!...Antes desfaçamos a essa turba que conspira e decidis-
remos de quem será o império. Cornélio Agripa sabe muito e no oceano celeste
viu cair treze estrelas, do Norte até a minha. Mas também dizem que o abade
Juan Triteno prometeu o império ao rei Francisco. Devia, para ver brilhar com

Mais claridade minha fortuna, fortificar a profecia com algum armamento. As predições do mais hábil feiticeiro se realizam melhor quando um bom exército com canhões e lanças, soldados e cavalos, prepara o caminho da sorte que se espera. Quem vale mais dos dois, Cornélio Agripa ou Juan Triteno? O que tenha meu sistema apoiado por um bom exército e ponha a ponta de uma lança ao final do que diz, ou o afinco de uma espada para cortar qualquer dificuldade a gosto do profeta. Deixe-me sozinho, que chegue a hora em que os conjurados se reunirão. Ah!...Entregue-me a chave do sepulcro.

RICARDO: (Entregando-a) Senhor, peço que não se esqueça do conde de Limburgo, que é o defensor actual que confiou em mim e que se esforça por ser agradável.

D. CARLOS: (Despedindo-se) Sem...Faça tudo quanto te disse.

RICARDO: Sem demora, senhor.

D. CARLOS: Quer dizer que com três tiros de canhão, eh?

RICARDO: Sim senhor; três.

D. Ricardo inclina-se e sai. Quando D. Carlos fica só, se lança em meditação profunda. Depois levanta a cabeça e vai até o sepulcro.

CENA II

D. Carlos só

D. CARLOS: Carlo Magno, perdão! Estas abóbedas solitárias somente deveriam receber palavras austeras, e sem dúvida, o zumbido de nossas ambições que soam em torno de seu monumento te indignará. Aqui repousa Carlo Magno! Como pôde, seu sepulcro sombrio, contê-lo aí dentro sem estourar? Está bem aí, gigante de um mundo criador, e pôde estender em seu sepulcro toda a sua altura? Magnífico espectáculo ofereceu à Europa, forjada por suas mãos, tal como ele, a deixou morrer. Um edifício com dois homens numa extremidade aguda; dois chefes eleitos, quem todos os reis legítimos se submetem; quase todos os Estados, feudos mi-

litares, reinos, marquesados, são hereditários; porém o povo pôde ter seu Papa ou seu César; todos marcham e o azar corrige ao azar. Disto nasce o equilíbrio que impõe a ordem. Eleitores revestidos de tecido de seda com fios de ouro, cardeais envoltos em mantos de escarlata. Senado duplo e sacro que comove a terra lhes servem de ostentação: surge uma idéia, segundo as necessidades se amplia, corre, se mescla em tudo, se faz homem e possui os corações. Há muitos reis que a pisoteiam e a amordaçam; porém chega um dia em que entra na Dieta, no Conclave, e todos, com o globo na mão e a tiara na cabeça vêm surgir de repente sobre suas cabeças uma idéia escrava; e o Papa e o Imperador são tudo. Não há mais existe na terra que não seja por eles e para eles. Neles vive o mistério supremo, e o céu, que lhes concede todos os direitos, lhe dá uma grande festa de povos e reis; se sentam à mesa, e Deus, vindo das nuvens - onde o trono retumba - lhes serve o mundo. Os dois estão sentados frente a frente e regem, ríscortam e mandam no universo. Os reis estão na porta, respirando o vapor dos manjares, olhando atrás dos vidros e contemplando o que se passa do lado de dentro, levantando e apoiando-se na ponta dos pés. O mundo abaixo dos reis se escula e se agrupa; são dois os que se sentam à mesa, um desata e o outro corta; um representa a verdade e o outro a força. Levam em si mesmos sua razão de ser, e existem por que existem. Quando saem do santuário, os dois iguais, um com a púrpura e o outro com vestes brancas, o universo deslumbrado contempla com terror essas duas metades de Deus, o Papa e o Imperador. Ser Imperador! (com alegria) Porém não sê-lo e sentir-se capaz de ocupar essas alturas! Como foi feliz o que hoje dorme nesse sepulcro! E que grande! Em sua época, ocupar esse lugar era ainda mais deslumbrador. O Papa e o Imperador já não eram dois homens, eram Pedro e César unindo as duas Romas, fecundando uma a outra num casamento místico, dando nova forma e alma ao gênero humano, fundindo os reinos e reinos para fazer uma nova Europa, pondo nos dois, por si mesmos, o bronze que ficava do velho mundo romano. E este é o sepulcro de Carlo Magno? Tu és tão pouco neste mundo que nos reduzimos a isso? Ter sido príncipe, rei e imperador, ter sido a espada e a lei, ter sido um gigante que teve por pedras a Alemanha, por título César e por nome Carlo Magno, ter sido maior que Attila, que Átila, tão grande como o mundo... e parar aqui! Ambicionar um império para ver em seguida o pó que fica de um imperador! Fazer ruído no mundo, e

levar muito alto o edifício imperial, para que fique logo reduzido a estas medidas; e o título e a fama universal, para deixar nada mais que algumas letras soletradas por meninos; e por mais alto que seja o fim a que o orgulho humano aspira, acabar por se estilhaçar numa tumba; é uma loucura! Todavia, o império...o império...estou tocando-o e isto me fascina. Uma voz interior me diz: "Você o alcançará!" Conseguirei? Se o conseguisse...Farém ascender a esse ponto culminante, sentindo-se sempre mortal, tendo aos pés o abismo e podendo sentir a vertigem...! Em quem me apoiarei? Se desfalcesse sentindo o mundo se estremecer embaixo de meus pés e a terra se mover...! Poderei suportar o peso do globo? Quem me fará grande? Quem será meu guia? Quem me aconselhará? Você Carlo Magno, você! (cei de joelhos ante o sepulcro) Já que Deus vence todos os obstáculos e põe nossas duas majestades frente a frente, que venha deste seu sepulcro para o meu coração algo de sua grandeza. Mostre-me a pequenez do mundo; ensine-me seus segredos para vencer e para governar, e diga-me se vale mais castigar que perdoar. Se é certo que em sua tumba solitária desperta às vezes, numa grande sombra, o ruído do mundo, e entreabindo a tumba ilumina como um relâmpago a escuridão do universo, diga-me imperador da Alemanha o que se pode fazer depois de Carlo Magno. Deixe-me entrar em seu santuário; deixe-me que, incorporando-me, te contemple em seu leito de mármore. Ainda que sua voz fatídica me faça tremer, fale; ou se nada me diz, deixe que Carlos de Austria estude sua cabeça que goza de paz profunda; deixe, oh gigante, que te meça a seu prazer. Entremos. (vai abrir o sepulcro e retrocede) Grande Deus! Se me falasse ao ouvido! Se ele estivesse em pé dentro do sepulcro, andando a passos lentos! Se sáísse de sua tumba com os cabelos brancos! De qualquer maneira entremos. (ruído de passos) Alguém está vindo. Quem se atreve a estas horas a perturbar a paz de tão magnífico morto? (o ruído se aproxima) Já havia me esquecido...são meus assassinos; entremos.

(Abre a porta do sepulcro que fecha atrás de si; em seguida aparecem algumas pessoas vestidas secretamente)

CENA III

Os Conjurados

Chegar perto um do outro e dão as mãos trocando algumas das bruxas em voz baixa.

1º CONJURADO: Ao majestoso.

2º CONJURADO: Pelo majestoso.

1º CONJURADO: Que os anjos nos protejam.

3º CONJURADO: Que os mortos nos sirvam.

1º CONJURADO: Deus nos guarde.

Entram outros conjurados

2º CONJURADO: ^{Para} Quem vive?

VOZ NA ESCURIDÃO: Ao majestoso.

2º CONJURADO: Pelo majestoso.

1º CONJURADO: Bem, já estão todos aqui.-Gotha, fale.- Amigos, a sombra espera a luz.

Os conjurados se sentam nos sepulcros em semi-círculos. O 1º conjurado vai de um em um, e em sua tocha todos os demais acendem suas velas. Depois se senta no sepulcro mais alto, que está no centro do círculo.

DUQUE DE GOTHA: (levantando-se) Amigos, Carlos da Espanha, que é estrangeiro por parte de sua mãe, aspira ao sacro império.

1º CONJURADO: Conseguirá a tumba.

GOTHA: (Atirando ao chão sua tocha e pisando nela) Que façam com ele o que faço com essa tocha!

TODOS: Assim seja.

1º CONJURADO: Morra Carlos!

GOTHA: Morra!

TODOS: Morra!

JUAN DE HARO: Seu pai é alemão.

DUQUE DE LUTZELBURGO: Sua mãe é espanhola.

GOTHA: De modo que nem é espanhol e nem alemão.

4º CONJURADO: Se os eleitores o nomearem imperador!...

5º CONJURADO: Não creio.

GIL TÉLLEZ: Ferindo-lhe a cabeça, não o coroarão.

1º CONJURADO: Se consegue o sacro império, será tão majestoso e inviolável que somente Deus poderá tocá-lo.

GOTHA: O mais seguro é que morra antes que se torne majestoso.

1º CONJURADO: Não será eleito.

TODOS: Não obterá o império.

1º CONJURADO: Quantos braços são necessários para metê-lo num caixão funerário?

TODOS: Apenas um.

1º CONJURADO: Quem dará esse golpe?

TODOS: Eu.

1º CONJURADO: Tiremos a sorte.

Os conjurados escrevem seus nomes em pequenos pergaminhos, que enrolam e depositam um depois do outro numa urna de sepulcro.

1º CONJURADO: Oremos. (tocos se ajoelham, menos o 1º conjurado) Que o eleito creia em Deus, fira como um romano, morra como um hebreu; que tenha valor para encarar a arena e as tenazes, para cantar no potro, para rir no fogo; em uma palavra, que se resigne a matar e a morrer. (saca da urna um dos pergaminhos.)

TODOS: Quem foi o escolhido? Quem é?

1º CONJURADO: (lendo o pergaminho) Hernani!

HERNANI: (saindo dentre os conjurados) Eu ganhei. Por fim vou conseguir me vingar.)

RUY: (a parte para Hernani) Ceda-me seu lugar.

HERNANI: Não, você não deve sentir inveja da minha boa sorte, é a primeira vez que eu a alcanço.

RUY: Você é pobre, e se me ceder esse lugar, darei a você feudos, castelos, cem mil servos de minhas trezentas vilas, tudo que possuo.

HERNANI: Não cedo o posto de honra.

GOTHA: Ancião, seu braço não daria um golpe tão certo e tão firme.

RUY: Se o braço me faltasse, me sobraria a alma. (a Hernani) Recorde-se que você me pertence.

HERNANI: Minha vida é sua, porém a sua é minha.

HERNANI: (vacilando) Dona Sol e a vida!... Não, não; antes a minha vingança. Não também que vingar a meu pai e casualmente a algo mais.

RUY: Pense bem.

HERNANI: Senhor duque, deixe minha presa.

RUY: Maldita tenacidade! (separando-se dele)

1º CONJURADO: (a Hernani) Hernani, seria bom acabar com Carlos antes que seja eleito imperador.

HERNANI: Não tema; sei bem como se acaba com a vida de um homem.

1º CONJURADO: Que a traição receia sobre o traidor, e que Deus te guarde! Todos nós, se o eleito não for morto, juramos desempenhar seu papel sem excusa alguma, porque condenamos Carlos à morte.

TODOS: (sacando as espadas) Juramos!

GOTHA: Pelo que juramos?

RUY: Por esta cruz. (tomando a espada pela ponta e levantando-a no alto)

TODOS: (levantando as espadas) Que morra impenitente!

Ouve-se ao longe um tiro de canhão. Todos param e ^{se} calam. A porta do sepulcro se entreabre. D. Carlos aparece no umbral, pálido e escutando. Soa outro tiro de canhão e depois outro. Então se abre de todo a porta do sepulcro, onde D. Carlos, sem dar um passo, permanece em pé e imóvel.

CENA IV

Os mesmos, D.Carlos, depois D.Ricardo, senhores e guardas; o rei de Espanha, o duque de Baviera e depois Dona Sol.

D.CARLOS: Senhor, se afastem um pouco daqui que o imperador os ouve.

Rapidamente todas as luzes se apagam. Silêncio profundo.

D.CARLOS: (Avança na escuridão, podendo distinguir apenas aos conjurados, imóveis e mudos) Crêem que por que os rodeia o silêncio e a escuridão isto passará como que um sonho e os tomarei por homens de pedras sentados em seus sepulcros? Para serem estátuas, vocês falam demais. Ea, levantem os rostos abatidos que aqui está Carlos V. Dêem um passo e firam-me...firam-me. Não se atrevem! Suas tochas sangrentas chamejavam embeixo destas abóbadas e basta minha respiração para apagá-las; porém se apago algumas, acendo outras...

Pega, com a chave, na porta de bronze do sepulcro, e ao fazer um sinal todas as profundidades do subterrâneo se povoam de soldados com tochas e pertazanas: na frente deles aparecem o duque de Alcalá e o marquês de Almunhan.)

Venham meus falcões, que me apoderei do ninho. (aos conjurados) Eu também, na minha vez, ilumino. Mirem como chameja o sepulcro.

HERNANI: (mirando os soldados) Ao vê-lo sozinho me pareceu grandioso; acreditei ver sair da sepultura Carlo Magno, porém quem saiu foi Carlos V.

D.CARLOS: Condestável da Espanha, almirante de Castilha, desarmados.

O duque de Alcalá e o marquês de Alminnan cercam os conjurados e os desarmam.

RICARDO: Imperador majestoso...

D.CARLOS: Nomeio você mordomo do palácio.

RICARDO: Dois eleitores, em nome da Câmara dourada, vêm cumprimentar a sacra

majestade.

D. CARLOS: Que entrem. (falando baixo a D. Ricardo) -Que venha Dona Sol.-

D. Ricardo saúda e sai. Entram, precedidos por tochas e música, o duque de Baviera e o rei de Bohemia, com mantos reais e coroas cingidas e com séquito numeroso de senhores alemães que levam a bandeira do império, e qual tem a égua de duas cabeças e o escudo da Espanha no centro. Os soldados se separam deixando passagem para os dois eleitores que avançam até o imperador e o saúdam cerimoniosamente; este lhes devolve a saudação, tirando o chapéu.

DUQUE DE BAVIERA: Carlos, rei dos romanos, majestade sagrada e imperador: o mundo está desde agora em suas mãos, porque sua majestade possui o império. Seu é o trono a que todo monarca aspira; Federico, ^{duque de Sajonia,} foi eleito para ocupar o lugar de honra, porém, te julgando mais digno, não quis aceitar o trono. Venha, pois, receber a coroa e o globo: o sacro império te reveste de púrpura, cinge a espada e te faz poderoso.

D. CARLOS: Irei dar graças ao Colégio. Graças, meu irmão, rei de Bohemia e meu primo, duque de Baviera; eu mesmo irei.

REI DE BOHEMIA: Nossos avós, Carlos, eram amigos; nossos pais também; quer que sejamos irmãos? Vi você pequenino e não posso me esquecer...

D. CARLOS: Sim, rei de Bohemia, você era quase da minha família.

Carlos oferece a mão para que os dois eleitores a beijem; estes o saúdam profundamente e saem.

A MULTIDÃO: Viva! Viva! (ao virem sair os eleitores com seu séquito)

D. CARLOS: (-Sou imperador...por renúncia de Federico, o Sábio)

Entre Dona Sol

OL: Soldados!...O Imperador!...Que golpe tão imprevisto!...Hernani!...

RUY: (que está ao lado de Hernani) (-Não me viu-)

HERRANI: Senhora...

OL: (sacando o punhal do peito) Ainda guardo seu punhal.

ERNANI: (abraçando-a) Minha vida!

CARLOS: Silêncio! Lara do Castilha e Gotha, o saxão, e todos vocês, que fazem aqui? Falem.

ERNANI: (dando um passo) Senhor, eu vou lhe dizer: gravávamos na parede a sentença de Baltasar. Queríamos dar a César o que é de César. (apitando o punhal.)

CARLOS: Silêncio! Você também é traidor Silva?

Y: Quem dos dois o é senhor?

ERNANI: (aos conjurados) Se apoderou de nossas cabeças e do império; logrou a que desejava. (ao imperador) O manto azul dos reis podia fazê-lo tropeçar; e a pura lhe fica melhor; nela não se vê o sangue.

CARLOS: (a Ruy Gomez) Primo Silva, você cometeu uma traição que merece que borrem seus títulos do brasão. Você é réu de alta traição, senhor duque....

Y: Os reis Rodrigues têm a culpa de que haja condes D. Julianes.

CARLOS: (ao duque de Alcalá) Frenda somente aos duques e aos condes; aos deuses não.

O duque Alcalá obedece as ordens do Imperador.

SOL: (-Se calvou).

HERNANI: (saindo do grupo que ficou livre) Pretendo que me conte entre os nobres. (a D.Carlos) Trata-se de subir ao cadafalso, e Hernani, que é um pobre pastor, ficaria impune; já que é preciso ser grande para morrer, reclamo meus direitos. Deus, que dá os cetros e concede o império a Carlos, concedeu a mim ser duque de Segorbe e de Cardona, marquês de Monroy, conde de Albaterra, visconde de Gar e senhor de lugares, cujos números não recordo. Sou Juan de Aragão, grande mestre de Aviz, que nasceu no desterro por ser filho proscrito de um pai que condenou a morte, em sentença, os seus familiares, rei de Castilha. Vocês usam do cadafalso e nós do punhal. O céu me fez duque e o destino montanhês, e já que somos grandes da Espanha, cubramo-nos. (se cobre e se dirige aos nobres; estes o imitam) Se nossas cabeças cobertas têm o direito ao cutelo nobres de título e de raça, quero ocupar meu lugar entre vocês. Criados e carascos, dêem passagem a D.Juan de Aragão. (infiltra-se no grupo dos senhores nobres)

SOL: Céus!

D. CARLOS: Verdadeiramente já havia esquecido essa história.

HERNANI: Quem é vítima dela se recorda bem; a afronta que o ofensor esquece, renova todos os dias no coração do ofendido.

D. CARLOS: Logo você é filho do pai que decapitou o meu!... Pois este título te basta.

SOL: (ajoelhando-se aos pés do rei) Perdão, senhor! Seja clemente com ele; nós dois te ofendemos porque ele é meu amante, meu esposo, somente por ele eu vivo. Perdoo! (D.Carlos a olha inóvel) Sua idéia sinistra te absorve?

D. CARLOS: Vamos, levante-se já daqui, duquesa de Segorbe, condessa de Albaterra, marquesa de Monroy... Que outros títulos você tem, D.Juan?

HERNANI: Quem fala assim? O rei?

D. CARLOS: Não; o imperador.

SOL: (levantando-se com regozijo) Grande Deus!

D. CARLOS: (a Hernani) Duque, aqui está sua esposa.

HERNANI: (estreitando Dona Sol em seus braços e levantando os olhos ao céu) Jus-
ta Deus!

D. CARLOS: (a D. Ruy Gomez) Meu primo, compreendo que sua antiga nobreza é zelosa,
porém um Aragão pôde unir-se com um Silva.

RUY: Minha nobreza não é zelosa.

HERNANI: Conseguiu apagar meu ódio. (joga o punhal)

RUY: (olhando Sol e Hernani abraçados) (-Meu louco amor sofre inexplicável tor-
mento; devo calar e padecer em segredo.)

SOL: Meu duque!

HERNANI: Somente o amor fica em minha alma.

SOL: Que felicidade!

D. CARLOS: (-Extinga-se, coração ardente e juvenil, e deixa reinar a cabeça que
turbou. De hoje em diante seus amores serão Alemanha, Espanha e Flandes. (En-
tão uma bandeira imperial) O imperador, como sua companheira águia, no lu-
go do coração só deve ter o escudo.)

HERNANI: Você é verdadeiramente César!

CARLOS: D. Juan, seu coração é digno de sua reza e merece a Dona Sol. De joelhos, duque. (Hernani se ajoelha; D. Carlos tira o Tosão e coloca no pescoço de Hernani) Recebe o colar. (D. Carlos saca a espada e a golpeia três vezes) Seja fiel. Por São Esteban, duque, te armo cavalheiro desta ordem. (levanta e o abraça) Porém você possui o colar mais precioso, o que eu não tenho, o que falta ao poder, o que forma os braços de uma mulher amante e amada. Seja muito feliz... eu... eu serei imperador. (aos conjurados) Ignore seus nomes, senhores, e assim também quero esquecer o ódio e o rancor. Vão em paz; eu os perdôo. (os conjurados caem de joelhos.)

OS CONJURADOS: Glória ao imperador!

RUY: (A D. Carlos) Eu sou aqui o único castigado.

CARLOS: (A D. Ruy) E eu.

RUY: (-Porém eu não perdôo como ele.)

HERNANI: (-Feliz mudança.)

OS DOIS: Viva a Alemanha! Honra a Carlos V!

CARLOS: (voltando-se até o sepulcro) Honra a Carlo Magno! Deixem-nos a sós, só os dois. (todos saem)

ENA V

Carlos só

CARLOS: (inclinando-se ante o sepulcro) Está satisfeito comigo Carlo Magno? Viu que soube me despojar das misérias de rei, e que ao ser imperador me converti em outro homem; posso igualar meu elmo de batalhas com sua tiara papal? Posso governar o mundo? Tenho o pé bastante firme para marchar pelo caminho semeado por ruínas vendálicas, que você pisou com suas sandálias largas? Entendi minha tocha em sua chama inextinguível? Compreendi a voz que me falava!

decebe o seu sepulcro? Encontrava-me sozinho, perdido, sozinho ante um império: todos me ameaçavam e conspiravam contra mim; tinha que castigar a Dinamarca, que pagar ao santo Padre; Veneza, Solimán, Lutero e Francisco I eram contrários a mim. Punhais inimigos cintilavam contra mim na escuridão; armadilhas, perigos, e vinte povos que fariam tremer a cem reis, me rodeavam; tudo isto era inoportuno e requeria rápida e simultânea solução: te chamei para te perguntar: Carlo Magno, como iniciarei meu império? E você me respondeu: sendo claramente.

"O CASAMENTO"

Em Zaragoza

Galeria do palácio de Aragão.-No fundo uma escada que desce até o jardim.-À direita e à esquerda duas portas, que dão na galeria que encerra uma balaustrada de duas filas de volutas mouras; por cima e através delas se vê no fundo os jardins do palácio, com luzes, que vão e vêm., e no último término os remates góticos e árabes do fortunado palácio, que está iluminado.-É noite.- Ouve-se a longe música.-Pessoas mascaradas, vestidas de dominós, sozinhas ou em grupo passeiam pelo fundo. No proscênio, um grupo de jovens disfarçados, que levam as máscaras na mão, falam e riem ruidosamente.

CENA I

D.Sancho Sanches de Zúnhiga, conde de Monterrei. D.Matías Centurião, marquês de Almunhán; D.Ricardo de Rojas, conde de Casapalma; D.Francisco de Soto Maio conde de Bellalcázar; D.Garcí Márquez de Carvajal, conde de Penhalver.

GARCI: Viva a noiva e viva a alegria!

MATÍAS: Zaragoza inteira se assoma esta noite aos balcões.

GARCI: Faz bem, porque jamais se viu boda tão rica, noivos tão elegantes, nem noite tão formosa.

MATÍAS: Esse casamento se deve ao imperador.

SANCHO: Recordá-se, marquês, de certa noite que íamos com ele em busca de aventuras? Quem poderia adivinhar que aquilo acabaria assim?

RICARDO: Eu conheço a história do princípio e contarei o que nos sucedeu. Três galãs, um bandido, um duque e um rei, ocupavam ao mesmo tempo o coração de uma mulher: deram o assalto e o bandido ganhou.

FERNANDO: Isso é muito natural. Com amor e a fortuna, na Espanha como em todas as artes, jogam com dados falsos e fazem o trapaceiro ganhar.

RICARDO: Eu fiz carreira presenciando esses amores que me fizeram ser primeiro conde, logo grande da Espanha e depois mordomo do palácio. Não perdi tempo.

FRANCISCO: O segredo do seu engrandecimento consiste sempre em encontrar-se no caminho do rei.

RICARDO: É em fazer valer meus direitos e meus serviços.

FRANCISCO: É em aproveitar-se de suas distrações.

ATÍAS: É o que foi feito do duque Silva? Está ele preparando seu caixão fúnebre?

FRANCISCO: Não zombe dele, marquês; o duque era homem de bom temperamento e amava Dona Sol. Sessenta anos tardou em começar a envelhecer e em um só dia envelheceu de todo.

FRANCISCO: Não regressou a Zaragoza?

FRANCISCO: Para presenciar o casamento teria que regressar?

FRANCISCO: É que faz o imperador?

FRANCISCO: O imperador está muito triste: Lutero o mantém pensativo.

RICARDO: Bom cuidado me dária Lutero. Acabaria rapidamente com ele tendo que matar os soldados.

ATÍAS: Solimán também lhe faz sombra.

FRANCISCO: Mas que diabos nos importa Lutero e Solimán? As mulheres são formosas, e

haile de máscara está muito animado; vamos nos divertir.

SANCHO: Isso é o essencial.

RICARDO: Tem razão Garcí Marquez. Eu sou outro quando estou numa festa; enquanto coloco o disfarce, parece que coloco outra cabeça.

FRANCISCO: (indicando a porta da direita) Essa é a habitação dos recém-casados?

GARCÍ: Sim, e rapidamente virão.

FRANCISCO: Virão?

GARCÍ: Sem dúvida alguma.

FRANCISCO: Tanto melhor.

SANCHO: Tanto melhor.

RICARDO: E o imperador demasiado bom: não se contentou em perdoar ao rebelde Hernani, enche-lhe de títulos e o une em casamento com Dona Sol. Se eu tivesse sido imperador, teria destinado a ele um leito de pedra e a ela um leito de pluma.

SANCHO: (falando baixo à Matías) De boa gana eu daria um golpe nesse ingrante vaidoso.

RICARDO: O que está dizendo?

MATÍAS: (falando baixo à D. Sancho) Não erme confusão agora. Recita-me um soneto de Petrarca.

GARCÍ: Observaram senhores, entre as flores, as mulheres e os trajes coloridos, um fantasma com dominó negro, que permanecia enciado em uma balaustrada?

RICARDO: Sim.

GARCÍ: Quem é?

RICARDO: Pelo seu jeito e por seu ar me parece que é D. Pancrácio, general do mar.

FRANCISCO: Não.

GARCÍ: Não tirou ainda a máscara.

FRANCISCO: Deve ser o duque de Loma, que gosta de ser notado por todos.

RICARDO: Não é; o duque já falou comigo.

GARCÍ: Então quem é esse mascarado? Quietos, ele está aqui.

Entra um mascarado com dominó negro, e cruza lentamente o fundo. Todos se voltam para olhá-lo e lhe seguem com a vista sem que ele perceba.

SANCHO: Se os mortos andam, devem andar assim.

GARCÍ: (correndo até o mascarado) Mascarado! (o dominó negro pára; Garcí retrocede) Pela minha vida senhores, vi que seus olhos lançam chamas.

SANCHO: Pois se é o diabo, já encontrou com quem falar. Sombra ruim, vem do erro?

MASCARADO: Não venho, vou.

que seu caminho e desaparece pela escada do fundo. Todos o seguem com a vista, olhando-o com estranheza.

FIAS: Sua voz é verdadeiramente sepulcral.

SANCHO: Será algum gracioso de mau gênero?

GARCÍ: E se é Lúcifer, que venha nos ver bailar; todavia, chega a hora de ir ao inferno: bailemos.

SANCHO: Isso será alguma brincadeira.

ATÍAS: Amanhã saberemos.

SANCHO: Por onde desapareceu?

ATÍAS: Por aquela escada.

GARCÍ: (a uma dama que passa) Marquesa, será tão bondosa? (Saúda-lhe e oferece a mão.)

DAMA: Meu querido conde, já sabe que meu marido conta as vezes que bailamos juntos.

GARCÍ: Melhor ainda; se diverte-se assim, ele contará e nós bailaremos.

SANCHO: (-Isso é verdadeiramente singular.)

ATÍAS: Os noivos! Silêncio!

Entram Hernani e Dona Sol com as mãos dadas; ela veste um magnífico traje nupcial; ele, um traje de veludo negro, e carrega consigo o Tosão. Atrás deles, sem damas e cavalheiros mascarados. Quatro pajens lhes antecedem e dois coligam os lhes seguem.

ACTO II

MESMOS, Hernani, Dona Sol e Mascarados

HERNANI: (abracendo os seus amigos)

RICARDO: Sua felicidade é a nossa, ilustre duque.

FRANCISCO: (-Vive Deus, que é formosa como Vênus!)

FATÍGA: (a Sancho) Há algo mais feliz que um dia de bodas?

SANCHO: Sim, a noite de bodas.

FRANCISCO: Já é tarde. Retiramo-nos?

Todos saúdam os noivos e uns saem por uma das portas e os outros pela escadaria do fundo.

HERNANI: (despedindo-se) Deus os guarde.

SANCHO: (apertando-lhe a mão) Sejam felizes!

Hernani e Dona Sol ficam sozinhos. As luzes se apagam, e pouco a pouco o silêncio e a escuridão dominam o ambiente.

CENA III

Hernani e Dona Sol

SOL: Finalmente se foram.

HERNANI: (abracendo-a) Meu amor!

SOL: (suspirando-se e retrocedendo) É que... parece que já é muito tarde.

HERNANI: Sempre é tarde para estarmos sós e juntos.

SOL: Tanto barulho me fatigou. Não é verdade que esta alegria atordoa e espan-

te a felicidade?

HERNANI: Diz bem. A felicidade é grave e busca corações de bronze para gravar-se lentamente. O prazer te assusta, te enche de flores e seu sorriso está mais perto de chorar que rir.

SOL: Esse sorriso em seus olhos é para mim a luz do dia.

HERNANI: Vamos?

SOL: Logo, logo.

HERNANI: Sou somente seu escravo e permanecerá aqui até que você me diga; ri-rei ou cantarei, o que você quiser, porém minha alma arde. Diga ao vulcão que apague suas chamas, e o vulcão fechará a cratera e voltará a cobrir seu regaço com flores e verde musgo; venceu ao Vesúbio, que é seu escravo, e não importa que a lava acenda seu coração. Deseja que eu te cubra de flores? Pois forçoso será que o vulcão, ardendo, floresça ante seus olhos.

SOL: Que bondoso você é, Hernani de minh'alma!

HERNANI: Não volte a pronunciar esse nome, porque me faz lembrar de tudo que esqueci. Em outro tempo existiu um Hernani, cujos olhos brilhavam como um punhal, um proscrito que somente respirava ódio e vingança, porém já não conheço mais esse Hernani. Eu amo as pradarias, as flores, os bosques; eu sou Juan de Aragão, esposo feliz de Dona Sol de Silva.

SOL: Eu também sou feliz.

HERNANI: Já não mais me importa os farrapos, que ao entrar deixei na porta. Voltei ao meu palácio e um anjo do Senhor me esperava no umbral. Estrei e pus em pé suas colunas demolidas, voltei a acender o lar, abri as janelas, cortei as ervas que cresciam nas lajes do pátio e respirei a alegria e o amor. Que me de

divam minnas torres e castelos, meu penacho, meu assento no Conselho de Casti-
lha, que me entreguem Dona Sol ruborizada e pura e que deixem nós dois soli-
nhos, e já não quero saber nada do meu passado. Nada vi, nada disse, nada fiz.
Volto a começar a vida, apago meu passado e o esqueço; somente você basta para
minha felicidade.

SOL: Como fica bonito o colar de ouro sobre o veludo negro!

HERNANI: Antes de mim, você viu o rei com este traje.

SOL: Nem sequer notei. Que me importam os outros homens! Além do mais, isso
não consiste no veludo nem no título, pois é no seu pescoço que o colar fica
bonito. Vê? Estou alegre e choro. Como sou feliz! Ven comigo respirar um pouco
e contempla esta noite formosa. (chega perto da balaustrada) Já se extinguiram
as tochas e a música da festa; somente nós dois ficamos, nós e a natureza. En-
quanto todos dormem, a natureza vela carinhosamente por nós, e como nós, a lua
repousa serena no céu respirando o ar embalsamado das flores. A pouco, enquan-
to você falava, o brilho trêmulo da lua e o timbre de sua voz chegavam juntos
ao meu coração; me sentia tão alegre e tão tranqüila, que quis morrer naquele
momento.

HERNANI: Quem não se esquece de tudo ao ouvir sua voz celeste! Sua palavra é
um canto sobre-humano.

SOL: Este silêncio é demasiado lúgubre e este sossego demasiado profundo. Digo
meu amor, não gostaria de ver o fundo de uma estrela? Não gostaria que uma
voz noturna, terna e carinhosa, cantasse de repente?

HERNANI: Não faz muito você fugia das luzes e dos cantos.

SOL: Fugia do baile, mas não de um pássaro que canta no campo, nem de um rouxi-
ol perdido na escuridão, nem de alguma flauta que se ouve ao longe. A música
mágica, faz com que a alma seja harmoniosa e desperta mil vozes que cantam
o coração. Ouvir o que te digo seria delicioso.

Ouve-se ao longe o som de uma trombeta.

HERNANI: Ah!

SOL: Deus me ouviu.

HERNANI: (estremecendo) (-Infeliz!)

SOL: Um anjo entendeu meu pensamento; será você um anjo bom.

HERNANI: Sim, meu bom anjo. (com amargura)

Ouve-se pela segunda vez o som da trombeta.

HERNANI: Outra vez!

SOL: D. Juan, você é que preparou esse serenata?

HERNANI: (-O tigre uiva e reclama sua presa)

SOL: Essa harmonia enche o coração de júbilo. Não é verdade meu D. Juan?

HERNANI: (levantando-se com um aspecto terrível) Chama-me Hernani! Chama-me Hernani, que todavia esse nome fatal me persegue!

SOL: (tremendo) O que você tem?

HERNANI: Esse velho...

SOL: Seus olhares me espantam. O que você tem?

HERNANI: Esse velho que está rindo nas trevas? Não ouve?

SOL: Está desvairando! Quem é esse velho?

HERNANI: O valho.

SOL: Rogo os joelhos que acalme minha inquietude; que segredo é esse que te atormenta?

HERNANI: Eu lhe jurei.

SOL: Jurou o que?

Dona Sol segue com ansiedade os movimentos de Hernani. De repente este passa a mão no rosto.

HERNANI: (-Que vou dizer?) O que te falava?

SOL: Você me dizia...

HERNANI: Não, não te dizia nada... meu espírito sofria, porém não se inquietava.

SOL: Necessita que eu te traga algo? Mande em sua escrava.

Volta a soar a trombeta.

HERNANI: (-Ele me exige, me exige, e eu sei o que jurei!) (buscando o punhal no estoivo da espada) (-Estou desarmado!)

SOL: Mas o que é que te faz sofrer?

HERNANI: Uma ferida antiga que pensei fechada e que volta a se abrir. (-Que eu afaste daqui.) Sol da minha vida, escute: naquela caixinha que em dias menos felizes levava sempre comigo...

SOL: Sei qual é... o que você quer que eu faça?

HERNANI: Encontrará nela um frasco de elixir que poderá acabar com meu sofrimento.

SOL: Em seguida.

Vai Dona Sol pela porta da câmara nupcial.

CENA IV

Hernani só

HERNANI: Apareça para destruir minha felicidade! Eis aqui o dedo fatal que bate na parede de meu destino. (Fica perdido em profunda e convulsiva abstração e depois se levanta bruscamente.) Porém cala... Não ouço a trombeta... Não vejo ninguém... Foi uma ilusão minha!

O mascarado de dominó aparece no fundo. Hernani fica como petrificado.

CENA V

Hernani e o mascarado

O MASCARADO: "Suceda o que suceder, quando ouveira, senhor duque, em qualquer lugar, a qualquer hora que lhe ocorra que eu devo morrer, toque a trombeta e eu mesmo me matarei." A este pacto tive por testemunhas os retratos de meus antepassados. Está disposto a cumprí-lo?

HERNANI: (-Grande Deus!)

O MASCARADO: Venho ao seu palácio dizer que já chegou a hora e vejo que se retarda.

HERNANI: Não: o que é que você quer que eu faça?

O MASCARADO: Pode escolher entre o punhal e o veneno; trago as duas coisas e nós as dividiremos.

HERNANI: Bem.

O MASCARADO: O que escolhe?

HERNANI: O veneno.

O MASCARADO: Pois toma; beba e acabemos. (dá-lhe o frasco que a mão de Hernani pega tremendo)

HERNANI: (levando-o aos lábios e afastando-o em seguida) Suplico que me deixe viver até amanhã. Se tem coração, se não é um condenado, um fantasma ou um demônio, se sabe o que é gozar a felicidade suprema de estar apaixonado, de ter vinte anos e casar-se, permite-me viver até amanhã.

O MASCARADO: Amanhã! Amanhã! Você zomba de mim! E o que eu farei esta noite? Morreria e amanhã não teria quem o fizesse cumprir a palavra. Não quero cair sozinho na tumba e necessito que me acompanhe.

HERNANI: Pois me livrarei de você; não te obedecerei.

O MASCARADO: Bem que eu temia. Você me jurou pela memória de seu pai...pode esquecer-lo.

HERNANI: Ah! Meu pai! Vou perder a razão!

MASCARADO: Vai cometer um perjúrio e um sacrilégio.

HERNANI: Duque!

MASCARADO: Já que os primogênitos das famílias castelhanas combatem dos juramentos... Adeus! (dá um passo para sair)

HERNANI: Não vá.

O MASCARADO: Então.

HERNANI: Você é um homem desalmado que me persegue até as portas do céu.

Entra Dona Sol sem ver o mascarado.

CEMA VI

Os mesmos, Dona Sol

SOL: Não encontrei a caixa.

HERNANI: (-Meu Deus, ela!)

SOL: (-O que tem? Assusta-se ao me ver! Horrível suspeita!) (O que você tem na mão? Mostre-me.

O mascarado tira o disfarce. Dona Sol reconhece a D. Ruy Gomez e lança um grito.

SOL: É um veneno!

HERNANI: Grande Deus!

SOL: Você me enganava, D. Juan!

HERNANI: Eu devia te ocultar. Prometi ao duque morrer, no dia em que me salvou e Aragão deve cumprir a promessa que fez a Silva.

SOL: Não é seu, senão meu. Que me importa os demais juramentos? Duque, o amor me converte em heroína e defenderei a D. Juan contra você e contra todo mundo.

RUY: Defenda-o, se pôde, contra um juramento sagrado.

SOL: Que juramento?

BERNANI: Jurei...

SOL: Nada, nada te obriga a morrer, isso não pôde ser; isso seria um crime
uma loucura.

RY: Vamos, D. Juan.

Bernani vai levar o frasco aos lábios, porém Dona Sol o impede.

BERNANI: Deixe-me Dona Sol, é preciso. Dei ao duque minha palavra e jurei por
meu pai que está me olhando do céu.

SOL: Antes arrancará de um tigre seus cachorros que de mulher amante o objeto
de seu carinho. Não conhece ainda à Dona Sol. Muito tempo, compadecida de seus
sessenta anos e respeitadora seus cabelos brancos, fui submissa e tímida; porém
agora, veja meus olhos inflamados de dor e de raiva, e veja este punhal. (seca
o punhal do colo) Velho insensato, quando meus olhos o ameaçarem, recorde-se
que sou da sua raça, e ai de você se atentar contra a vida do meu esposo! (ti-
ra o punhal e cai de joelhos ante o duque.) Veja-me ajoelhada a seus pés para
pedir que tenha piedade de nós. . Perdão, senhor; sou uma mulher débil, e quan-
do quero ser brava, a força nasce no meu coração e fraquejo. Rogo de joelhos:
tenha piedade de nós.

RY: Dona Sol!

SOL: Perdõe-me. A nós, as espanholas, a dor nos arrasta a dizer palavras ofen-
sivas; bem o sabe. Não é perverso e deve compadecer de nós; tocar nele é me ma-
dar. Eu o amo tanto!...

RY: Ama-o demasiadamente.

BERNANI: Não chore.

SOL: Não quero que morra, meu amor; não, não quero. Perdõe-no e amarei também
o senhor.

RUY: Já a mir em segundo lugar, com os restos do seu barinhão; até aqui
sem a pace que me devora? Fico louco de tanta cólera. Ele possuiria sua al
por completo. Não; não; é preciso que esta situação termine. Seba.

HERNANI: Dei minha palavra e devo cumprí-la.

RUY: Vamos!

Hernani volta a aproximar o frasco dos lábios. Dona Sol novamente o detém.

SOL: Todavia não! Ouça-me antes os dois.

RUY: O sepulcro já está aberto e não posso esperar.

SOL: Um instante, D. Juan. Vocês dois são muito cruéis. Não peço mais que um
instante. Permitam que esta mulher diga suas últimas palavras; deixem-me fal

RUY: Tenho pressa.

HERNANI: (-Sua voz me desgarrá o coração.)

SOL: Compreenda que tenho muitas coisas a dizer.

RUY: (à Hernani) Acabemos!

SOL: Don Juan, quando eu terminar de falar, faça como quiser. (arrebata-lhe o
frasco) Já o tenho. (Mostrando-o aos dois homens que ficam surpreendidos)

RUY: Já que tenho que me denegar com duas mulheres, D. Juan, é preciso que eu
vá a outra parte buscar homens. Adeus. (dá alguns passos e Hernani o detém.)

HERNANI: Fique duque. (à Dona Sol) Quer que eu seja perverso, perjuro e sacríle-
go? Quer que eu leve a traição escrita no rosto por todas as partes do mundo?
Pois se não deseja, devolva-me esse veneno, por nosso amor, por nossa alma: i -
mortal.

SOL: (somaria) insiste?

ERNANI: Sim.

SOL: Bebe do frasco.

SOL: Tome-o agora.

RUY: Bebeu.

SOL: Repito que o tome.

ERNANI: Veja o que conseguiu, velho miserável!

SOL: Não me recrimine que no frasco reservei sua parte.

ERNANI: (Tomando o frasco) Bem.

SOL: Você não teria reservado a minha parte, você não possui o coração de uma esposa cristã, você não sabe amar como uma descendente dos Silva. Bebendo primeiro já estou tranquila. Agora você, se quiser, beba.

ERNANI: O que você fez, infeliz!

SOL: O que você queria fazer.

ERNANI: Condenar-se à espantosa morte!

SOL: Espantosa! Por que?

ERNANI: Porque esse filtro leva ao sepulcro.

SOL: Deveríamos dormir juntos esta noite; o leito é indifferente.

HERNANI: Meu pai! Vingue-se de mim porque te esqueci!! (leva o frasco à boca
Dona Sol volta a detê-lo)

SOL: Lance longe de você esse filtro funesto, que causa dores estranhas e
extravia minha razão. Detenha-se D. Juan; esse veneno é muito ativo e gera
coração uma cobra venenosa de mil dentes que o roem e o cevoram. Acende na
um fogo horrível. Não beba que padecerá muito.

HERNANI: É desumano: não podia ter escolhido outro veneno? (bebe e joga o fr
co)

SOL: O que fez?

HERNANI: O mesmo que você fez.

SOL: Ven, ven, meu amor, ven aos meus braços.

Sentando-se um do lado do outro.

SOL: Não é verdade que faz sofrer horrivelmente?

HERNANI: Não...

SOL: Aqui começa nossa noite de bodas e palidece sua prometida.

HERNANI: Ah!

SOL: Cumriu-se a fatalidade.

HERNANI: Desespera-me te ver sofrer tanto!

SOL: Acalme-se, estou melhor. Fazia novas claridades; vamos em seguida abrir
juntas nossas asas e com vôo igual, voaremos para um mundo melhor. Um beijo!
Dê-me apenas um beijo.

Abraça-se.

RUY: (-On, ódio!)

HERNANI: Bendito seja o céu que me concedeu uma vida rodeada de abismos e cheia de espectros, porém que me permitiu descançar, depois de tão rude caminho, e acariciando a mulher querida.

RUY: São felizes!

HERNANI: (desfalecendo) Ven...vem...Sou da minha alma...tudo está escuro...sofre?

SOL: (desfalecendo também) Nada...já nada.

HERNANI: Vê duas luzes na escuridão?

SOL: Ainda não.

HERNANI: Eu sim...(dá um suspiro e cai)

RUY: (levantando-lhe a cabeça que volte a cair) Está morto!

CL: (despenteada e incorporando-se um pouco) Morto não...é que dormimos.....é meu esposo. Nos aramos e estamos deitados: aqui se celebra nossa noite de boas noites. Não o desperte, que ele está cansado...(volta o rosto para Hernani) Meu amor...aqui estou...mais perto...ainda mais...(cai no chão morta)

RUY: Mortos! Estou condenado! (mata-se com o punhal)

Campanha Nacional de 1960
FIP

Suplemento do *Cyroparavolt*

86